

# Espiando o Mundo pela Fechadura



Laé de Souza

ECOARTE  
EDITORA

26ª EDIÇÃO



Autor - Laé de Souza

# **Espiando o Mundo pela Fechadura**

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto  
**LEITURA no PARQUE**



Autor: Laé de Souza



**CARAVANA DA LEITURA**



Quando uma porta alheia está fechada, convém bater antes de abrir. Também não se deve espiar pelo buraco da fechadura. Mas, quem já não caiu nessa tentação? Se alguém está pensando que isso ocorre porque é a porta fechada que rolam os grandes baratos da humanidade, as sacanagens mais sacanas, está enganado. A tentação vem porque o ser humano é curioso de nascença. O cronista, então, nem se fale, é um caso à parte. Espia a vida de todo mundo. Espia e espalha. Põe na gazeta e não livro. Espia pelo buraco da fechadura, sim, essa metáfora. É que, se por um lado o buraco da fechadura restringe o campo da visão, por outro, ele especifica a cena, circunscreve o olhar. É um paradoxo: pelo buraco da fechadura vê-se menos, mas mais. Cascata. As crônicas deste Espiando o Mundo pela Fechadura são assim, inteligentes, perspicazes. Pinçam, nos fatos óbvios e corriqueiros da vida, o disparate, a esperteza, a malandragem. Contam um pouco do que ocorre atrás das portas. Secretam humor, ora escrachado, ora sutil. Vez ou outra, quando não há razão alguma para rir, sobretudo, quando se referem a temas políticos, destilam o fel da indignação. Sempre em boa e coloquial linguagem. E aquele senso de observação para o inusitado tão frequente nos bons cronistas.

Vale a pena conhecer a obra de Laé de Souza. Não apenas a arte do cronista, mas também a função social de seus projetos culturais. Milhares de livros emprestados a alunos de escolas públicas, centenas de palestras feitas despertam no jovem, não apenas o interesse pela urdidura literária e elaboração de ilustrações, mas também o gosto pela leitura, pela tentativa de compreender o outro, mundo, a si próprio, o que se passa atrás das portas e das trancas de cada um. Laé de Souza, com sua arte e sua dedicação, abre novos horizontes à moçada, opções alternativas às drogas, à violência, à desesperança que zanzam por aí. Laé mostra, com leveza e, aparente despreensão, que a literatura pode abrir os olhos de muita gente, as fechaduras de muitas portas.

Sérgio Valente



**Laé de Souza**

**Espiando  
o Mundo  
pela  
Fechadura**

**Crônicas**

**26ª edição**

**2018**



Copyright © Laé de Souza  
Dados Internacionais de Controle (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé  
Espião do Mundo pela Fechadura  
Crônicas / Laé de Souza - 26ª edição - SP, SP  
Editora Ecoarte, 2018

ISBN - 978-85-87588-12-8

1. Crônicas brasileiras I. Título.

01-4393

CDD-869.935

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Século 21 -Literatura brasileira - 869.935
2. Século 21: Crônicas - Literatura brasileira - 869.935

Assessoria e Produção Editorial:

*G2R Comunicação*

Ilustrações:

*Khalil Hedjazi*

*Gilberto Alves de Souza*

*Rucke*

Capa: *Nilza M. Spinelli*

Fotografia: *Nivaldo Amorim*

Revisão: *João Batista Alvarenga*

# PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA OBRA

Ensinaram-nos que espiar atrás da porta ou pela fechadura é falta de educação. É como bisbilhotar a vida alheia. Mas quem, quando criança, não cometeu esse deslize?!

Observar é o meio mais saudável de aprendermos com a vida. E com um olhar mais apurado, Laé de Souza mostra com muito humor as observações que faz do nosso mundo na obra “Espionando o Mundo pela Fechadura”. O livro chega aos leitores marcado por seu estilo bem-humorado e inconfundível, trazendo consigo os resultados de todo um trabalho desenvolvido, nos últimos anos, com adolescentes.

O nosso dia a dia, exposto e emoldurado pelas crônicas do autor, inspirou e despertou a criatividade de alguns jovens estudantes participantes do seu projeto “Encontro com o Escritor”, que ilustraram esta obra. Selecionados por meio de concursos promovidos pelo “Projetos de Leitura”, nas escolas estaduais do Estado de São Paulo, revelaram-se novos talentos.

Temos aqui uma amostra de que as mudanças no meio cultural e educacional são possíveis. As ilustrações vencedoras do concurso fazem parte desta obra e seus criadores são:

*Tatiana Cristina dos Santos*

E. E. Miguel Sansigolo

São Paulo – SP

*Leandro G. Farias*  
E. E. Dom Camilo M. Cavalheiro  
São Paulo – SP

*Kristians Rodrigo Joaquim*  
E. E. Dolores Antunes da Silva  
Salto – SP

*Kallil Augusto Silveira Singulani*  
E. E. Lucidio Motta Navarro  
Cabreúva – SP

*Gilmar Tafarel Pontes*  
E. M. E. F. Luigi Luvizotto  
Cerquilha - SP

# ÍNDICE

Participação dos estudantes na obra ...	5
Tira o dez .....	9
O diário e o apagão .....	12
Vou ser cantor .....	15
Bebedeira do Orlei .....	17
Pagando pode ir e vir .....	21
Homens são todos iguais .....	24
Meu homem .....	27
A liberdade do amor .....	30
Comemoração .....	33
Será que...? .....	36
Timidez do Geraldinho .....	39
Notícias em primeira mão .....	42
Pastor Queixada, meu vereador .....	46
O Pastor Queixada sumiu .....	49
Desculpas em público .....	52
O absurdo do crime do Rio .....	55
Veia fugitiva .....	58
Paciente .....	62
Férias da Edilene .....	64
Intuição .....	67
Bye, bye, mamãe .....	70
No limite .....	73
Animais de estimação .....	76
Artista também come .....	80

Economia de guerra .....	82
Esmeraldo, o garçom .....	85
Sou escritor .....	88
Glossário .....	92
Projetos de Leitura .....	94
Obras do autor .....	95

Nota: Nas páginas 92 e 93 constam algumas palavras com seus significados (Glossário) para melhor compreensão dos textos.

# Tira o dez

**N**unca fui bom de bola. Nem nos tempos de colégio, quando era sempre o último escolhido e, como peso morto, entrava para jogar no gol. Os ruins no campo iam para o gol e mesmo como goleiro eu era péssimo, reconheço. Num país do futebol, é muito desagradável não saber lidar com a bola. Assim, numa época fazia aulas, treinava embaixadas em casa, queria aprender mesmo. Mas não deu resultados. Nunca consegui entender as jogadas ensaiadas, dar dribles. Acreditem, nunca passei com a bola por um adversário e poucas vezes consegui retirar a bola de um atacante. Sonhava dando bicicletas, “chapelando” o adversário, fazendo gols fenomenais, a plateia vibrando, os companheiros me abraçando, sendo disputado pelos times, na hora do jogo, e levantava disposto a mudar a história. Mas, na hora H, qual nada. Ficava entredado que não tinha jeito.

O tempo foi passando, continuava batendo minha bolinha, sem muita responsabilidade, irritando um ou outro parceiro do time em que estava jogando, mas a meu ver, o que valia era o exercício e o divertimento. Mas mudei de ideia num jogo em que disputavam um troféu a Rua de Baixo e a Rua de Cima. A coisa era pra valer. E, naquele memorável domingo, com o campo

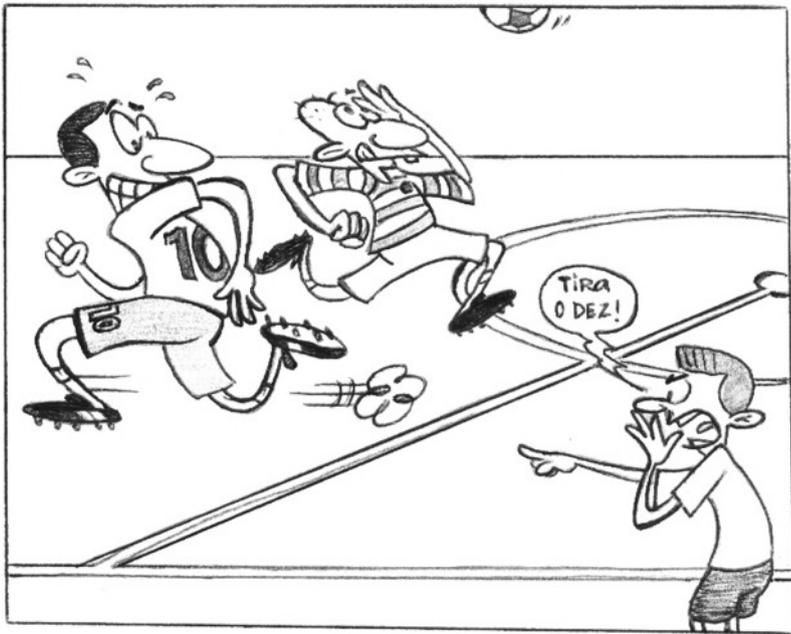
esburacado, porém, demarcado e enfeitado com bandeirolas, com juiz, bandeirinhas e torcida, nós, da Rua de Baixo, entramos em campo sob aplausos. Eu com a responsabilidade da camisa dez, confiante, pensamento firme, mentalizava “É hoje meu dia” e fazia flexões e alongamentos num aquecimento para o jogo.

Estávamos perdendo, mas ainda tinha jeito de recuperar. Eu ainda estava esperançoso até o momento em que ouvi um molequinho de seus doze anos gritar “Tira o dez”. Se fosse uma vez só, tudo bem. Mas o sapeca insistia “Troca o dez! O dez tá acabando com o nosso time.” E cutucava o pai apontando-me toda vez que a bola vinha na minha direção. E quem diz que eu conseguia tocar na bola? Travava e suava frio e não conseguia tirar os olhos do guri. Sem reservas no time, só vendo o adversário fazer gols e mais gols, e eu pedia a Deus que o jogo terminasse logo. No intervalo, quis fugir, mas me fizeram voltar na marra. Trocamos de lado no campo, o que foi pior, pois eu ficava bem de frente para o moleque que balançava a cabeça a cada erro meu. Que visão de jogo a do garoto! Com certeza, hoje deve ser técnico de algum time grande. Se bem, como disse o Sapo (técnico do time), quando comentei do garoto “Para ver que o problema era tu, não precisava ser bom.” A partir dali, resolvi parar de jogar. Sempre que surgia um jogo, na empresa ou numa reunião de amigos, eu me esquivava.

Outro dia, num churrasco de final de ano, resolveram formar times para um bate-bola. O

Com-camisa, completo; o Sem-camisa, faltando um. Insistiram. Falei que não tinha calção, tênis, que não jogava direito, mas não teve jeito. Inventei que não podia ficar sem camisa, mas me trocaram com outro jogador do Com-camisa. Enfim, lá estava eu em campo e de novo com a camisa dez. As mulheres e filhos torcendo. Mas não tinha jeito, pra todo lado que olhava, eu via um molequinho apontando para mim. Não toquei na bola durante todo o jogo e, na bebedeira do churrasco, fui objeto de galhofa.

Hoje, em qualquer confraternização, vou de pé engessado e jurei nunca mais entrar em campo pra defender time de ninguém.



*Gilberto Alves de Souza*

# O diário e o apagão

**C**omeçou-se a espalhar um boato de que naquele passeio programado pela escola, em que a Soninha se perdera do grupo e levaram horas e horas até encontrá-la, não se perdera coisa nenhuma. Tinha escapado de propósito para ficar de namorico com outro aluno do 2º B. Entre cochichos, chegou aos seus ouvidos que se comentava que, uns meses antes, ela andava apaixonada pelo Leandro e vinham arquitetando fugir de casa. E que a fuga não se consolidou porque ele não teve coragem. Numa pequena discussão, uma colega falou, em alta voz, que aquele dez em Física foi fruto de cola. Quando o professor de Matemática, aquele por quem ela nutria um amor secreto, entrava na sala, todo mundo olhava para ela e dava uma risadinha sarcástica como quem sabia de tudo.

Soninha procurava descobrir de onde sabiam aquelas coisas, quando lhe ocorreu que tinham lido o seu diário. O diário guardado a sete chaves, no qual se escreve coisas reveladas a si próprio. Quem tem sabe o quanto é desonesto ler um diário de outro e que jamais deve ser violado.

Chegou em casa, chamou a mãe, o pai e revelou que um dos irmãos deveria ser punido com severidade. O pai, que tinha quando jovem pretensões a ser juiz, sentou-se na cabeceira

da mesa e chamou todos para uma conversa. Primeiro, individualmente, depois faria uma acareação. Zequinha, o caçula, tremeu, gaguejou e se abriu: entrou no quarto da irmã e pegou o diário, a mando do Roque, o mais velho. Jurou que não leu. Tirou umas cópias e do jeito que pegou entregou ao Roque, sem dar uma olhada sequer. Roque ia falar que não fora o autor dos boatos, quando o pai o interrompeu, avisando que preparasse melhor sua defesa, porque o caso era grave e, se provada a sua iniciativa nos fatos, a punição seria severa. A mãe estava achando aquilo uma palhaçada, coisas de criança e que o próprio Aristides, que se colocava como juiz, não era tão santo assim.

Na sala, televisão ligada, davam continuidade ao julgamento. O caçula pedia a oitiva de testemunhas, quando foram interrompidos pelo Jornal Nacional que anunciava o Apagão. O pai, pela gravidade do assunto, resolveu suspender a sessão por tempo indeterminado, para cuidar do que era prioridade. Soninha reclamou e quase leva um sopapo, ao falar que tudo ia acabar em pizza. Seu Aristides anunciava que a conversa agora era sobre como economizar energia. Zequinha se prontificou a tomar banho uma vez por semana e levou um beliscão da mãe.

Aristides anunciou as regras. Subiram todos ao sótão. Aristides abriu o baú deixado pelo avô e começou a retirar as relíquias: pilão, máquina de moer carne, candeeiro, cineminha de caixa de papelão. Limpou a máquina de escrever portátil, mandou todo mundo sentar e começou

a ministrar o seu curso de sobrevivência. O caçula resmungou de novo que não ia esquentar água e tomar banho de canequinha coisa nenhuma, e levou outro beliscão da mãe. Seu Aristides lembrava do seu filho gozando dele com os probleminhas do computador e, agora, ria com as dificuldades do moleque em colocar o papel e tabular a máquina Olivetti. E descontava “Uma coisa tão fácil, Roque!”



*Tatiana Cristina dos Santos*

# Vou ser cantor

**F**azia tempo que não cruzava com o Dunga. Quando me viu, correu para um abraço e despejou perguntas. Eu quis saber o que estava fazendo e ele me respondeu que estava se preparando para ser cantor. Fiquei espantado porque o Dunga, que eu saiba, nunca foi de cantar, pelo menos no nosso tempo de criança. Mas ele me explicou:

– Seguinte, camarada. Minha mãe pôs na minha cuca que eu tinha de ser cantor. Fazer vibrar multidões e faturar um troco legal. E eu achei que a velha tá com a razão.

– Espera aí, Dunga. Você nunca demonstrou jeito para cantar!

– Você tá atrasado no tempo, cara. Não precisa nada disso. Primeiro passo, é você se convencer, quer dizer, é um problema de cabeça. Fazer sua cabeça antes de fazer a dos outros.

– Mas não tem que ter timbre, jeito...?

– Um pouquinho tem que ter né, meu, senão é abusar. Você não vê que tem umas dançarinas que começam rebolando e rebolam bem por sinal e logo viram vocal? Pois é. Treina, controla no instrumento até chegar lá.

– Então, tu ensaias direto?

– Direto no batente, meu. Microfone, coreografia, agora composição.

– Pera aí, tu tá brincando Dunga, tu também é compositor?

– É, tô fazendo umas letrinhas.  
– Mas tem que ter talento, inspiração, não é?  
– Tu tá pensando pequeno mesmo, cara. Eu também me ligava assim, mas meu empresário me conectou.

– Teu empresário?

– É... chegou em mim e falou que eu tinha de fazer uma letrinha. Respondi que eu não tinha tino para tal, e ele riu. Falou que eu que não estava percebendo, mas eu já era compositor. Falei pra ele “Quem sou eu, mano, sou cantor, não compositor.” Ele me provou “Tu é que pensa. Tu não mandou uma carta pra tua mulher, quando ela foi embora e depois ela voltou chorando?”, disse. Eu respondi que a bichinha estava magoada, por isso chorou. E ele pegou o “bichinha” no ar e me disse que aquilo era sinal de sensibilidade e poesia e que eu era dos bons. Pegamos a tal carta da minha mulher e estamos musicando. Vai ser o maior barato!

– A carta?

– É, meu. Tudo é expressão de sentimento. Não tem uma música linda aí que fala “Diz para o porteiro que é seu namorado”, outra “Rebola, rebola”, tudo é exteriorização da intimidade, poesia pura.

– Mas, tu tá vivendo disso?

– Bom, por enquanto, a velha tá financiando com a aposentadoria; eu tô fazendo uns rolinhos, até estourar.

– Tu acha que eu tenho jeito pra cantor?

– Não, não, não, tu tem a cabeça meio fechada.

– Puxa, eu queria ser cantor. Questão de cabeça e de me convencer... Eu vou ser cantor.

# Bebedeira do Orlei

Orlei era daqueles sujeitos sérios por quem se podia pôr a mão no fogo que nunca trairia a mulher. Poucos e raros pertencentes de uma raça em extinção, na qual me incluo. Traí uma *vezinha* só, num desvio que, após juras de arrependimento, fui perdoado e o episódio esquecido pra nunca mais. Não que eu seja santo, mas é que não consigo segurar uma mentira. Se me for questionado, não adianta, gaguejo, tremo e me entrego. Foi assim, daquela maldita vez, primeira e última. Por sorte, minha companheira percebeu que realmente eu era marinheiro de primeira viagem e que não tinha habilidade para fugas e aventuras às escondidas, concedendo-me seu perdão. Aliás, o perdão, quando dado, deve ser absoluto, nunca cobrado e vigiado. O meu, por exemplo, me foi dado de forma que parece que nunca existiu pecado. É como se começasse tudo de novo. Se por acaso a senhora perceber que o companheiro deu uma “pisada na bola”, e, se chegou ao ponto de arrependimento, e consenso de que é caso de perdão, passe realmente o apagador de vez por cima e vida nova, sem olhares suspeitos. Bem, mas voltemos ao nosso Orlei, que também era desse nosso clube de gente direita.

Numa noite, num bar, apresentado por um

amigo, conheceu a Gracelinda e entre conversas e afagos, aconteceu. Sim, aconteceu mesmo. Mas, acredito que mais pela inteligência da cachaça do que pela sua própria vontade. Ou até, talvez, afloramento de uma vontade subconsciente e fora do seu domínio. De qualquer forma, a noitada foi sem igual e mesmo com aquele esquecimento natural do ocorrido, durante a bebedeira, nunca saíram de sua mente aqueles momentos extravagantes e descompromissados.

No dia seguinte, mesmo ressabiado, com a cabeça pesada e a consciência a gritar (meu pesadelo foi de longos anos), não dá motivos para encrencas e cumpre o prometido passeio ao zoológico com a família.

Numa curva, sente um pé de sapato solto que roça os seus pés, num indo e vindo. Lembra Gracelinda risonha, bêbada e arteira, fazendo estrepolias sobre o banco e ele rindo com suas artes. Ruborizado e de soslaio, percebe um batom no console e tem medo de vasculhar mais cantos, embora seus olhos se desviem para a marca dos lábios da Gracelinda, incentivada por ele a deixar no canto do para-brisa. Discretamente, e valendo-se da agilidade aprendida no curso de mágica, quando mocinho, apanha o sapato e o batom jogando-os pela janela. O outro pé, vasculhado por baixo do banco, sorratamente, também foi lançado, acompanhado do apagar do beijo no para-brisa numa passada de mão. Sentiu um leve arrepio e deu um Graças a Deus por ter-se livrado de tudo.

Ao chegarem ao parque, a sogra, com os



*Gilberto Alves de Souza*

pés inchados, procura os seus sapatos que jura ter tirado no carro. Procuram, e o próprio Orlei vasculha o carro, várias vezes, e a sogra quase o esgana, ao ouvi-lo cochichar no ouvido da mulher que a sua mãe estava caducando. A sogra afirma que deixou os sapatos aos seus pés, enquanto a mulher aponta o lugar em que deixou o seu batom. Orlei acenou à possibilidade de coisas estranhas e a mulher responde que só pode ter sido espírito que encostou por causa da tal bebedeira de ontem. – É culpa tua, Orlei - Orlei engoliu em seco, desviou o olhar e rumaram para o remédio.

No terreiro do Pai Mané, depois do carro lavado com sal grosso para espantar as coisas ruins, ficou esclarecido que foi arte de um espírito zombeteiro que encontrou fraqueza na bebedeira, nunca ocorrida, do Orlei. E o Orlei balançava a cabeça “É, foi consequência da bebedeira de ontem.”



*Gilberto Alves de Souza*

# Pagando pode ir e vir

**A** turma, reunida no boteco, discutia a problemática do país. Prova de que bêbados não discutem apenas futebol (se bem que foi o assunto introdutório) e de que não é preciso gastar muita grana em jantares e coquetéis para se encontrar soluções. Com uma bebidinha barata e uns amendoins torrados dá para se conversar.

Quando o papo foi para os pedágios, Zeca, todo empertigado, deu uma golada longa e fez uso da palavra “É, amigos, foi numa reunião como esta, claro que com mais luxo, que eles resolveram ferrar nós. A ideia era de fechar os buracos e dar uma arrumadinha nas estradas. Mas, como estava presente um metidinho, ele se enervou ‘Mais ou menos, uma ova. Vai ter que ficar de primeira!’ Dizem que era empreiteiro, mas não posso garantir. O certo é que o fulano era respeitado e todo mundo acabou concordando. A discussão, então, passou a ser como buscar a grana. Falaram em Banco Mundial, BIRD, FMI; por fim, resolveram que quem usasse, que pagasse. Um falou ‘Um precinho camarada pra não apertar nós’, o outro respondeu ‘Deixa de choradeira, que a coisa não está tão ruim assim.’ Como em todo lugar tem um contestador, teve um que achou injusto e que contrariava o direito

de ir e vir. ‘E os pobres, como é que ficam?’ um baixinho respondeu ‘Juntam o dinheiro e quando der, viajam. Com isso, as estradas ficarão mais livres pra nós.’ O contestador rebateu ‘Não acredito. O preço dos alimentos está pela hora da morte e eles continuam comendo. Além do que, você está falando de viagem como se fosse daqui no fim do mundo. E do jeito que vocês estão querendo fazer, é cobrar qualquer viagemzinha.’ O baixinho retrucou ‘Vocês, vírgula, porque você está no meio. Não vem com essa conversa, pra depois jogar a responsabilidade na nossa consciência e ficar com a sua numa boa.’ O contestador riu e saboreou ‘Até parece que têm consciência.’

O certo, amigos, é que ficou resolvido e acertado. Nem bem a gente acostumou com um, lá vem outro surgindo. Aqueles tempos em que a gente botava uns dois litrinhos de *gasosa* e ia numa pescaria, já era.”

Bicuí, que até então tomava sua branquinha e observava, pediu uso da palavra e, com sua vagareza no falar, interpelou “Tu não acha, Zeca, que o certo, mas certo mesmo, não era eles fazer a estrada deles e deixar a nossa esburacada ou até mesmo de terra, que fosse, pra que a gente pudesse fazer uma visita a um parente, pra trabalhar ou até fazer a pescaria como a que tu gosta de fazer?” – Zeca tomou outro gole e respondeu: - “Bicuí, Bicuí. Pobre Bicuí. Igualdade é o que temos que buscar. Separação nunca. A rua é minha, o bairro é meu, a cidade é minha, o país é meu e eu ando por onde quiser. Igualdade

Bicuí, é tratar os desiguais com desigualdade, já se falou. Sabe o que fiz outro dia? Combinei com a *parentalha*, parei a Brasília de um lado e eles o fusca do outro, atravessei a pé, estendemos a toalha no chão e fizemos o piquenique numa boa. Tu quer que eles andem em tapete e nós comendo poeira, sangue bom? Sabe que esse negócio de pobreza e riqueza, Bicuí, é igual a farol alto. Você põe no olho do carro contrário com vontade de atazanar e corre o risco de se azarar junto.” – “Mas, pera aí, Zeca...” – “Não interrompe Bicuí, ainda estou com a palavra...”

A conversa, pelo jeito, ainda ia longe e eu, desacostumado de noitadas, tinha de ir. Não sei do resultado, mas saí com a impressão de que o tal Zeca era um agitador e daqueles que gostam de criar boatos.

# Homens são todos iguais

**C**lotilde não se conformava. O desgraçado, sem o menor sentimento de piedade, pegou-a despreparada para a notícia. Arrumou suas coisas e se foi. Nem sequer deu um simples telefonema para ver como ela estava reagindo. Juliana, escolada, estimulava a amiga a recomeçar a vida:

– Difícil é a primeira, depois, você vai perceber que os homens são todos iguais e que a gente deve sempre estar com um pé atrás, pois de uma hora para outra eles aprontam alguma.

– Quer dizer que não valeu de nada todo meu sacrifício a vida toda com ele, passando sobre meus princípios e aceitando passivamente suas vontades e sempre cedendo?

– Não, não e não. Eles estão sempre se aproveitando de nós. Quer ver só: não era a você que ele recorria para pregar o botão de uma camisa? E aí de você se esquecesse! Certamente lhe pediu que rezasse e até fizesse promessa por algo de interesse dele. Às vezes, ele não vinha com desculpas esfarrapadas de que o carro quebrou, de que fez horas extras no serviço, de que estava sempre atrasado e você engoliu? Algumas vezes, não descobriu um número de telefone estranho na carteira dele e você fez que acreditou que era de negócios? Ele já não apareceu com uma viagem pela empresa, de

repente, e que se não fosse estaria arriscando o emprego? Não me diga que nunca encontrou preservativo no porta-luvas do carro e ele saiu com a conversa de que era alguma peça pregada por algum amigo? Você nunca o viu cochichando com a empregada para que lavasse, às escondidas, uma camisa manchada de batom? Aquela pescaria de uma semana no Mato Grosso, será que foi verdade, logo na semana do carnaval? Aquela vez em que vocês discutiram por causa da secretária, não te criou desconfiança? Ele, que sempre foi de resolver as coisas sem muita conversa, tentar te convencer de que a moça era competente e necessária para a empresa... Lá, alguma vez, ele esteve interessado em capacidade dos funcionários? E aquela história de reuniões semanais com colegas e que era tipo Clube do Bolinha (mulher nem pensar), será que era verdade? Não tinha alguma atividade daquelas que eles costumam empurrar para as mulheres em que ele se oferecia para fazer, tipo compras no mercado (não estava a fim da moça do caixa?), ir à reunião de pais na escola do filho (não estava paquerando a professora ou alguma mãe?). Já não perguntou, discretamente, como quem nada quer, por alguma amiga sua? Em alguma festa, ele não cismou de dançar com alguma bonitinha-alegre e deu uma de chateado com seu ciúme e, ainda, veio com conversa moralista de “Que ideia absurda é esta; que cisma mais doida!” E você teve de aceitar. Já não incentivou você a fazer uma viagem sozinha ou com amigas, só para se ver livre? Vou parar por aqui, porque

tem muito mais coisas; mas, aos poucos, vou te falando de tudo.

Clotilde, que balançava a cabeça afirmativamente, e mais confusa ainda, contestava que não podia ser regra. Não iria ser feliz vigiando e desconfiando de um novo companheiro que surgisse na sua vida, ao que Juliana rebatia com base na sua experiência de quatro casamentos desfeitos e alguns casos rompidos: - São todos iguais em qualquer época e lugar, conheço como a palma da minha mão, portanto, seja como eu, preparada para que quando ele estiver indo, você já esteja vindo.

# Meu homem

**F**ico admirada ao ver como algumas mulheres reclamam dos seus homens. Querem subjugar-los e que venham rastejando aos seus pés pedindo amor. Que tenham olhos só para elas e lhes prestem contas de todos os seus passos. Ao sinal de qualquer indisposição neles, irritam-se, fecham-se e nos importunam.

Eu não. Alegro-me, quando o meu volta, mesmo que tarde; e agradeço a Deus que tenha voltado.

É com a maior disposição que me levanto para lhe preparar a comida. Enquanto esquenta a gordura, lavo meu rosto e passo um batom leve para não aparecer de cara limpa e sonolenta. Abro uma cerveja e tomamos juntos. Como ele é romântico e me faz agrados! Sabe que eu gosto de lhe fazer companhia na janta e, por mais que beba na rua com os amigos, deixa sempre um espaço para tomar mais uma comigo. E fala todo dengoso “Ponha mais para você, fiinha, que eu já bebi muito.”

Quando vez ou outra ele chega, bem de madrugada, e diz que já comeu para não me importunar, eu fico só um pouquinho chateada, porque ele sabe muito bem que não é nenhum incômodo. Às vezes, coitado, chega de mansinho, pé ante pé, com receio de me despertar. Mas, o

meu sono é leve e eu grito do quarto “Se preocupe não, bem, que estou acordada.”

Imagine se eu vou querer, como a vizinha, que ele fique preso na minha saia e me fale pra todo canto que vá. Fale se quiser, porque eu nunca questionei. A hora que chegar, chegou, porque a casa é dele. Às vezes, quando ele chega cedo, pergunto se ainda vai sair, não questionando ou recriminando, mas para ver se é preciso passar uma camisa ou lustrar um sapato, porque não vou deixar meu homem sair de qualquer jeito por aí, sujeito a algum amigo insinuar ou pensar que a sua mulher é uma vadia que não cuida de suas roupas. É o único reclamo meu. “Passe aqui e ponha outra muda de roupa para não sair com



*Leandro Lacerda da Silva*

cheiro de suor do dia.”

Nunca o procuro. Deixo-o à vontade. Quando ele quiser, estou disposta e cheirosa, toda dele. E ele sabe muito bem.

Outro dia, uma dona veio me falar que viu meu homem num bar junto com umas vadias. Fiquei brava. Falei-lhe uns desaforos e a pus para fora. Disse-lhe que ela era muito enxerida, e que não tinha graça! Além de infernizar a vida do seu marido, que eu sei muito bem que inferniza, ainda vir envenenar minha mente com ideias de gente doída!

Acordei, e ele do meu lado dormia sorrindo, parecendo que lia meu sonho. Dei-lhe um safanão. “É assim que você queria que eu fosse, não é, seu desavergonhado? Uma Amélia ou, então, me encanasse, lendo os textos da Adélia Prado e ficasse toda contente e pronta a receber suas ordens. Já foi o tempo, meu caro. Agora, um dia eu faço a janta, no outro você. Se quiser sair para se divertir, um dia eu olho os filhos, no outro, você. Os direitos são iguais e se não quiser assim, rua.” Ele olhou-me sonolento e assustado e eu falei firme “É isto mesmo!” e me virei para o lado, querendo dormir e desejando que viesse um sonho diferente.

# A liberdade do amor

**S**eu Geraldino estava viúvo há algum tempo e os filhos sempre tocavam no assunto de que estava na hora de arranjar alguém para cuidar da casa e lhe dar atenção. Ainda mais agora que estava se casando a filha mais nova e ficaria sem ninguém para uma conversinha, depois da janta ou fazer um cafezinho no coador, como ele tanto gostava, antes de pitar o seu cigarro de palha sentado na cadeira de balanço na área.

“Precisa não! Precisa não”, dizia. Mas, nos primeiros dias sem a filha, achou que os meninos tinham razão e concordou. Assim, apareceram com uma senhora, mãe de uma amiga da filha, que se ofereceu para cuidar da casa. A filha achava que era uma boa companhia e ele não ficaria tão só. O velho sentiu, na conversa, uma insinuação de casamento e foi claro ao descartar a hipótese e não aceitou a ajuda da senhora. Os filhos concordaram que o velho, durante a viuvez, nunca se dera a aventuras e era muito tranquilo.

Por fim, arranjaram uma mocinha, gente de confiança, prendada, que ocupou o quarto dos fundos. Nos primeiros dias, já se viu que a menina era trabalhadeira e dava conta do recado.

Os dias foram passando, e Geraldino,

alegando uma precisão à noite, tirou a moça do quarto dos fundos e a trouxe para dentro de casa para o quarto da filha. Começou, na hora do pitar, a mandar que a menina sentasse ao seu lado e jogavam conversa fora. Ele, do seu tempo de menino, e ela, do seu tempo na roça. Passou a ocupar algumas horas a ensinar a menina a ler e ela, que mal assinava o nome, estava indo bem. De mandar, seu Geraldino passou a pedir e a menina se dava ao luxo de deixar algumas coisas para o dia seguinte e até mandar nele. Com jeito, é verdade, mas era mandar.

Os filhos sentiram alguma coisa estranha, parecia que a menina estava prestes a ocupar o lugar de madrasta, mas não diziam nada e faziam de conta que nada viam. Os vizinhos comentavam, mas ninguém tinha certeza.

Conversavam e Geraldino percebia que a menina já não se encantava tanto com as suas conversas. Flagrou-a, algumas vezes, sentada e pensativa, fora do mundo. Outras vezes, com coisas por fazer e debruçada na janela com o olhar no fim da rua.

Percebeu que ela conversava animadamente com o rapaz que consertava o telhado e, de propósito, chamou-o para ajustar uma porta e confirmou que o rapaz era bom de papo. Assim, para acabar com o silêncio das noites, convidou o rapazinho para que viesse com eles prosear. Foram muitas noites de conversas de velhos e jovens e risadas inocentes. Havia dias em que o rapaz passava, durante o dia, para ver como estava o Geraldino. Nunca mais se apanhou a

menina olhando na janela, nem tristonha.

Mas, como instinto de posse existe, um dia o jovenzinho achou que era hora da menina ser só sua. Tanto insistiu que a menina, mesmo a contragosto e achando que era ingratidão, concordou em fugir. Deixou um bilhete de agradecimento e desculpas, selado com marcas de batom de um beijo dado às escondidas do mocinho. Geraldino não para de olhar o tal beijo no papel, sem entender se de carinho ou amor, e arrependido por ter cedido tanto e permitido tamanha liberdade.



*Khalil Hedjazi*

# Comemoração

**P**ela movimentação, notei que estavam preparando uma surpresa. Indignado, embora tenham me chamado de estraga prazer, quando percebi que a coisa estava indo longe demais, manifestei-me. Tinha graça, fazer tudo aquilo sem me consultar?! Era bom que parassem com a história, porque sabiam muito bem que eu detestava festa, ainda mais quando não havia motivos. A velha, como nunca fez em toda a vida, encostou o dedo em riste no meu nariz e disse “Fique sabendo que a festa também é minha, e eu exijo que continuem. Não é todo dia que se faz cinquenta anos de casados.”

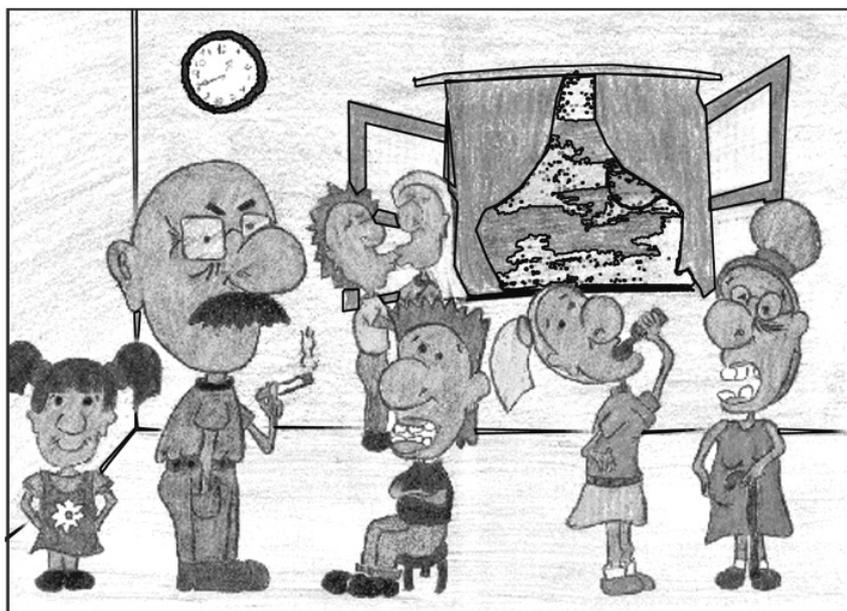
A filha caçula disse que, ao ponto que chegaram, não dava mais para cancelar, então, embrabeci. Ainda mais quando soube que meu minguado salário de aposentado estaria comprometido por uns tempos. Fizeram contas em meu nome, sem minha anuência. Dirigi-me para a patroa que choramingava num canto “Não era tu, mulher, que reclamava tanto do dinheiro que te joga todo nas mãos do jeito que vem do banco? Que fala que não dá pra nada, que precisamos economizar mais e agora vem com esse gasto todo para comemorar não sei o quê?” O sobrinho dela (me chama de tio, mas é sobrinho dela), que tentava apaziguar com

um “Calma, tio Dunga”, levou um empurrão. A menina tentava ajeitar as coisas com uma conversa de que seria uma festa linda. Confesso que perdi o juízo. “Linda para uma coisa que foi feia a vida inteira? Você sabe que eu e tua mãe dormimos de costas e não é de hoje? E só não deitamos em camas separadas porque não dá? E que tu nasceu depois de uma bebedeira e de um sonho que me pegou desprevenido, o que valeu um bom tempo sem falar com ela, que estava sóbria e sabia o que fazia? Não acham que têm que falar com quem é o festejado sobre a sua festa pra ver se aceita?”

Continuaram e eu nem aí. Fazia de conta que não via, nem tinha nada com aquilo.

No dia, chegaram pessoas que andavam sumidas e gente que eu nem conhecia. Quis sair para evitar os parabéns, mas me pediram pelo amor de Deus que não fizesse tal desfeita. Fiquei sentado no meu canto, enrolando e pitando meu cigarro de palha.

O único que deixei ficar por perto foi o Nicodemo, que se assentou num tamborete. De vez em quando, contava uma piada e me encorajava “Segura firme, Dunga, que já, já, cortam o bolo.” Pois bem. A doceira mandou avisar que a massa não deu liga e o bolo não ia ficar pronto. Por mais que tentassem, não fizeram um foguete subir. Eu ria por dentro e pensava “Bem feito.” O Nicodemo fez um reparo “Dunga, tu tá parecendo o retrato do Brasil.” Diante do meu olhar interrogativo, saiu-se com essa “De cara feia e descontente; comemorando sem motivos; olhando de longe



*Kristians Rodrigo Joaquim*

como fizeram os índios, os sem-terra e o povo à espera de uma nau que não chega e divertindo quem não tem nada com a festa.”

Segurei-me para não revidar, receoso de perder o único que ainda ousava palpitar em minhas coisas. Depois de contar até dez, relaxei os músculos e refleti que o amigo tinha razão. “Igualzinho mesmo, Nicodemo. Endividado e aumentando mais ainda o rombo por conta de uma festa que fazem a minha revelia, pra diversão de meia dúzia.”

Irritava-me mais ainda ver os que preparavam o fiasco, aplaudindo e achando tudo uma maravilha. Mas, eles não perdem por esperar!

# Será que...?

## É CULPA DELE?

Seu Ambrósio estava estranhando os olhares meio de lado que o neto lhe vinha lançando há alguns dias. Os mesmos que sua mulher já havia observado e comentado que também estavam sendo dirigidos para ela.

Sabe como são jovens e idosos. Com os primeiros, tem de se falar no momento oportuno e com jeito. Os segundos, gostam das coisas bem esclarecidas e as cartas na mesa. Assim, chamaram o neto Otaviano para uma conversa franca. O rapazola, a princípio, esquivou-se, mas por fim bateu firme “Sabe o que é, vô, não está certo o que você e a vô estão fazendo com meu Brasil.” Seu Ambrósio, em fração de segundos, reviveu seu passado de glória e patriotismo e não viu nenhum ato que tivesse praticado que atentasse contra sua pátria.

Desse modo, pediu explicações e o menino disse que o problema era que a avó tinha a vida longa, e ele era um vagabundo. O velho esbugalhou os olhos e Otaviano completou “E sua pressa de se aposentar arreventou as finanças do país.” Seu Ambrósio falou ao neto que duvidasse um pouco e, às vezes, até muito, do que se ouvia e que se era esse o problema,

dispensaria os seus cento e poucos por mês da aposentadoria e se empregaria num mercado como carregador de pacotes, até que não mais aguentasse e sem qualquer pressa de se aposentar. Quanto à sua avó, dariam um jeito de acabar com a sua longevidade. A solução do impasse está nas mãos do Otaviano, que pediu alguns dias para pensar.

## **E** DELA TAMBÉM?

Quando Carmelino leu a declaração de uma fã do Chico Buarque de que se concretizasse o sonhado romance com o artista até o marido consentiria, ficou indignado e tratou de chamar Laurentina para uma conversa.

A mulher era fã de uns pagodeiros, se amarrava em revistas semanais, não desgrudava dos programas de domingo na televisão, quando o grupo se apresentava e frequentava seus shows. Elogiava o vocalista do grupo e babava quando ele dava umas reboçadas.

Quando mostrou a Revista da Folha e ela falou “Não sei não, mito é mito, na hora só Deus sabe”, ele caiu de pau. “Se acontecer, Laurentina, é sem meu consentimento. Ainda mais com um pagodeiro! Não que eu aprove, mas um Chico, um Caetano, são quase deuses e até certos homens, se não se segurarem, se entregam. É uma hipnose e não safadeza. Agora, esse tal tocador de cavaquinho, faça-me o favor!” Laurentina irritou-se e questionou se era

preconceito de classe ou machismo e, ainda, se nem com o Roberto. Carmelino achou desaforo e avisou que fosse com quem fosse. “Se acontecer, Laurentina, é traição! Tem muita graça entregar a mulher assim...” Laurentina ficou na dela e matutando que os sonhos de idílio teriam de continuar só nos sonhos mesmo. E, se são sonhos, que sejam cada vez mais ousados.

# Timidez do Geraldinho

**G**eraldinho era tímido ao extremo. Passava sempre despercebido em qualquer lugar onde estivesse. Nas reuniões, era comum que, ao pigarrear (mal crônico que o perseguia), alguém comentasse “Você está aí, Geraldinho?”, o que era motivo de risos e até descontração. Um ou outro, para quebrar o gelo ou por perversidade, às vezes, perguntava sua opinião, o que o fazia corar e gaguejar um “Concordo” quase inaudível. Estava, constantemente, a se cobrar uma nova postura e a se dizer “Desta vez, vai ser diferente”, mas qual nada. Avermelhava-se e sentia o suor. E, embora não encarasse, tinha certeza de que todos os olhos estavam pregados nele.

Não que o Geraldinho fosse desligado, ao contrário, estava sempre atento, acompanhando cada fala, balançando a cabeça em assentimento ou discordância. Nos grupos, quando lhe era passada alguma tarefa, pesquisava, fazia os relatórios e entregava ao chefe num momento em que ninguém se fizesse presente, e quase às escondidas.

Nos momentos de irritação com o seu modo de ser, Geraldinho lembrava que a sua timidez era antiga. Nos tempos de escola, fora um sacrifício participar do coral. Participou a contragosto e abria a boca sem conseguir cantar.

Quantas vezes invejara o Armando, colega de turma, com aquele vozeirão ao seu lado. Nas chamadas orais, muitas vezes, foi para casa com as mãos inchadas, não por não saber a tabuada, que sabia de cor e salteado, mas por vergonha de falar em público. E a professora Enedina, de Português, uma vez por mês, cismava em fazer uma tal de leitura expressiva. Ficava encolhido, na cadeira, pedindo que não chegasse nunca a sua vez, mas chegava. E, como sempre, ele se levantava, o livro aberto na página, a professora mandando que lesse, e ele mudo. A professora repetia “Leia Geraldinho”. Os colegas sorriam e o Fernando, que sentava atrás, remedava “Leia Geraldinho, leia”; até que dona Enedina, vendo que ele não lia, punia-o com meio ponto abaixo na média. Todo mês, era igual e, a cada vez, ele treinava o texto em frente ao espelho. Lia em voz alta, expressões fantásticas e, na hora, não conseguia ler nem a primeira palavra.

Geraldinho nunca teve uma namorada. Nunca, não, porque teve a Ivonildes, que conheceu quando fora passar umas férias na fazenda do tio Abelardo. Coisas de criança, mas dançaram quadrilha a noite toda e ficaram de mãos dadas. Ela também silenciosa como ele, mas era um olhar de namoro e ele jura que foi.

Agora, é a Sandra. Colega de sala, simpática e jovial. Vive pensando nela e acha que é amor. Não sabe se é impressão, mas sente que ela é mais gentil com ele do que com os outros. Muitas vezes, ensaiou falar, exercitou-se em frente ao espelho “Boa noite, Sandra, sou o Geraldo” –

bem, isso ela sabe; “Eu estou te amando” – e ela pulando de alegria; “Prazer, quero casar com a sua filha...” Por fim, resolveu que iria deixar para o dia do baile de formatura. Iria convidá-la para dançar e lhe falaria do seu amor. Sim, seria o momento propício. Ensaiou e sabia de cor todas as falas.

No baile, ao som da orquestra, Geraldinho dirigiu-se para a mesa da moça. Elegante, passos firmes, foi chegando, chegando... Passou... Recostou-se numa pilastra e sentiu que todos olhavam para ele.



*Khalil Hedjazi*

# Notícias em primeira mão

**N**o sábado, seria o casamento de minha prima. E minha mulher, que sempre aparava as minhas unhas, avisou-me que não daria tempo de cortá-las, pois tinha que provar o vestido, ver o sapato e outras coisas mais. Sugeriu-me que marcasse um horário com a Telminha, sua manicure. Assim fiz.

No horário combinado, lá eu estava, e a Telminha iniciou o seu trabalho. Em pouco tempo, descobri a fonte de informações para tanta coisa que minha mulher sabia acerca dos vizinhos e que me deixava encafifado. A moça trabalhava rápido, é verdade, mas com a mesma velocidade me contava a vida de todo mundo. O filho do senhor Pedro, da quitanda, não estava passeando na casa da tia, no interior, coisa nenhuma, estava preso por conta da tentativa de furto de um celular em uma loja... aquele metido, lá do fim da rua, que desfilava com aquele Corolla, estava numa pendura danada e logo, logo, lhe tomariam o carro. A dona Ambrosina, a que mora no sobrado azul, da esquina, quer ser o que não é. As suas joias são todas falsas.

– Sabe o seu Jorge? – perguntou.

– Não, não sei – respondi.

– O que tem um irmão que foi para o Japão.

– Não conheço.

- Nem parece que o senhor mora aqui, seu Astrobênildo. A propósito, o seu nome se escreve com “u” ou com “l”? Sua mulher disse que o senhor detesta o seu nome e que o seu pai colocou em homenagem ao seu bisavô. Também, Astrobênildo, fala sério, não? – Eu pensei em dar uma resposta adequada, mas me contive. Disse-lhe que o meu nome se escreve com “l” e, para afastar um assunto que me incomoda, e curioso, quis saber o que é que tinha acontecido com o tal de seu Jorge.

Contou-me, não sem antes me localizar onde morava o seu Jorge, que ele levava uma surra da mulher por andar paquerando a mocinha do bar de frente ao salão. Merecida, disse ela, porque a fulaninha era sem vergonha e de dar bola pra todo que é homem.

Danada, a Telminha. Falou-me que eu era muito calado e que ficasse à vontade.

Com jeitinho me fez aumentar o seu conhecimento da vizinhança. Perguntou-me se o vizinho do lado da minha casa, e que era muito meu amigo, ela sabia, tinha viajado para Maceió para ficar no hotel ou na casa dos pais dele? Quando dei por mim, já havia informado que ficariam na casa dos pais dele. Danada e esperta para investigar, a Telminha. – Pois é, a mulher dele me jurou que iriam para um hotel, pois detestava a sogra. Será que vão ficar na sogra por vontade do marido ou por economia? – jogou a isca e eu não respondi. – Vamos ver a encrenca que vai dar, – disse a manicure. Insinuou e não sei o que quis dizer, com a pergunta sobre o



Rucke

casamento da minha prima, – será que ela está feliz?” – e eu nem respondi.

Pela Telminha, fiquei sabendo que o filho do vizinho, em frente, é um viciado em drogas e que se internou por três vezes, mas não tem jeito. Sai e volta a frequentar a roda dos amigos.

A uma senhora que adentrou o salão e passou por perto de nós para ir até a cabeleireira, a Telminha fez um sinal com o queixo e falou: “Disfarça e olha essa aí, toda, toda, nem parece, mas a filha é amigada como um estelionatário, e ela canta de galo, que o genro é empresário. Pois é!”

Naquela meia hora, fiquei sabendo mais dos vizinhos do bairro do que nos meus vinte anos de morador.

Por fim, Telminha perguntou se eu queria cortar as unhas dos pés. Ao meu, “não”, perguntou se era por vergonha da falta de um dedinho. Fiquei vermelho e a me perguntar como ela sabia disso e mais: O que mais ela sabia sobre mim?

Paguei-lhe e perguntei se ela me conhecia, ao que ela respondeu com um hã, hã e um sorriso, que não sei o que significava. Pensei: Diabos, essa mulher sabe muita coisa sobre mim e, certamente, já espalhou pelo bairro. – Também tem uma. Nessa meia hora, ela atendeu, algumas vezes, o celular e eu também descobri algumas coisas dela que vou espalhar pela Vila, sem dó, nem perdão. Por outro lado, ela, sem que eu percebesse, me fez aumentar o seu repertório. Só espero que isso não me dê dores de cabeça e inimizades.

# Pastor Queixada, meu vereador

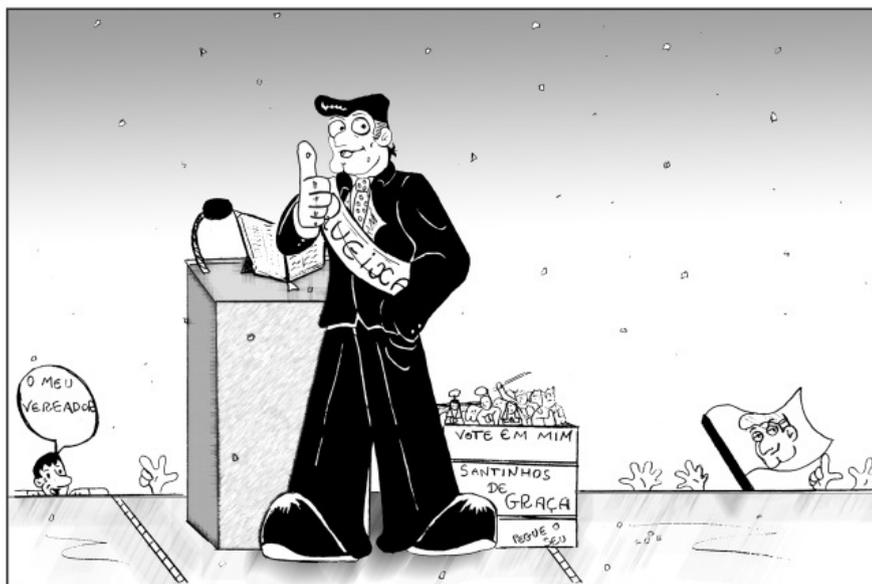
● prezado leitor conhece ou pelo menos já ouviu falar do pastor Queixada. Aquele meu antigo companheiro de noitadas e bebedeiras que andou desaparecido por uns tempos. Fui reencontrá-lo, quando eu andava em baixo astral e comecei a frequentar uma igreja. Encontrei-o, não ao meu lado no banco, mas como grande obreiro e fundador de uma nova igreja e, efusivamente, anunciado como Pastor Genaro. Conhecidos e amigos de farra, durante as pregações, davam seus testemunhos dos milagres operados neles pelo pastor. E até eu, que andava numa pior, fui convencido a dar um depoimento da força do pastor, ao afastar um demônio que habitava em mim.

Recebi esta semana a visita do pastor. Entregou-me um santinho e pediu apoio para a sua candidatura. Diante de minha admiração, falou “Se podem os pecadores, por que não nós, os santos? É preciso que, num sacrifício maior, além da minha dedicação à igreja, busque soluções para os que estão fora. E através da Câmara farei com que a nossa cidade se transforme num paraíso. Quem, meu amigo, numa perdição de violência e desrespeito terá como colocar as coisas no lugar, senão nós, que estamos mais perto de Deus? É com você, meu amigo, homem

de bom-senso, que conto para que consigamos salvar as almas perdidas e alimentar nosso povo de pão e espírito.”

Conheci o Queixada no seu tempo de pilantragem. Mas, todo mundo tem o direito de mudar de rumo, o perdão de Deus existe e Ele faz de nossa vida um instrumento de sua vontade. Está certo que ando meio perturbado, mas lembro-me, vagamente, de ter visto uma auréola sobre o pastor Queixada. Não tive coragem de falar do nosso passado, nem de lhe oferecer um gole da pinguinha da qual ele tanto gostava.

Assim, Queixada me convenceu. Aquele que



*Kallil Augusto Silveira*

estiver mal-intencionado desista da candidatura, porque o pastor Queixada não vai deixar que gente do mal e contra o povo conviva com ele no plenário.

Está aqui, nas minhas mãos, o santinho do Pastor Queixada, registrado como o candidato de Deus. O vereador dos justos.

Falei para o amigo que poderia contar com o meu voto e de um ou outro que eu, acanhadamente, conseguisse, porque não sou de fazer campanha forte, nem tenho jeito. Pedi-me que usasse da minha coluna para colocar seu plano e projetos. Desnecessário a meu ver, porque são aqueles mesmos que estão sendo apresentados por todos. A vantagem é uma leve insinuação, que pode até ser verdadeira, da aprovação do céu.

Assim, o caro leitor, não tendo nenhum parente, amigo ou mesmo alguém que seja de sua inteira confiança postulando a vereança, pense no meu candidato. Se tiver alguém que o ache digno do cargo, vote nele. Afinal, é preciso que alguém esteja lá para ajudar o pastor Queixada. Agora, se não tiver ninguém em vista, não vote em branco, marque Pastor Queixada que o homem é nosso.

Não tem churrasco, bandeiras, faixas, painéis, nem carro de som, pelo menos por enquanto, porque a festa do nosso candidato será na vitória. Aguardamos adesões.

# O Pastor Queixada sumiu

Os caros leitores devem se lembrar do Queixada. E ainda mais os que votaram no pastor para vereador em consideração ao meu pedido. Pois, é justamente para me desculpar com esses e salvar a minha pele, que venho dizer que não tenho nada com o sumiço do homem, ao contrário, estou fulo.

A última vez que vi o pastor Queixada foi no dia da eleição, correndo para lá e para cá, fazendo trabalho de boca de urna; cumprimentou-me efusivamente. Depois disso, nunca mais. No santinho, tinha um número de telefone, não é? Pois bem, não adianta. Antes ainda tinha a mensagem: “Irmão, que a paz de Deus esteja contigo. Deixe o seu recado que retornarei.” Gravação de antes da eleição, que continuou por uns dias. Deixei vários recados. No começo, educados, por favor, agradeço, seu criado, seu amigo, mas depois, uns mais malcriados e, por fim, estúpidos mesmo. E ele nunca retornou. Pois é, Queixada, se ouviu ou não os recados, sei que você está me lendo, portanto, saiba que não estou nada satisfeito. Me comprometi com algumas pessoas, dizendo que você era gente boa. Que tinha boas intenções. Que ia fazer isto e aquilo. “Tá aqui o telefone do homem, se

precisar, é só ligar”, e agora você me apronta uma dessas? Há uns amigos que acham que estou em conluio e até me viraram a cara.

Outro dia, vi na rua teu assessor, aquele que andava “assim” contigo e reclamei. O cara ainda teve coragem de me dizer que, por causa de uns votinhos, desnecessários até, eu estou cheio de razão e exigências. Pera aí, Pastor, fala pra ele que não é assim, não. Fala pra ele que quando tu estiveste na minha casa, naquela manhã, bem cedinho, a conversa era outra. Me falaste que ias fazer tudo que está no verso do teu santinho e te colocaste à disposição para resolver outros problemas que os munícipes apontassem. Portanto, meu amigo, tu encontraste sarna pra te coçar, porque vou ficar na tua cola. Os outros podem fazer o que quiserem, mas tu me prometeste, pessoalmente, e eu me comprometi com o pessoal daqueles votos minguados (como diz teu assessor), mas confiantes em mim. Não me venhas com conversa de que era brincadeira, de que todo mundo diz que vai fazer e não faz, de que eu já devia estar acostumado. Comigo, tu sabes muito bem como é. Sou impertinente mesmo! Vou grudar no teu pé. Vou em toda sessão para ver não só tua presença, mas tua postura e teus projetos. Não vem com história de só votar projetos dos outros não. Quero ver os teus e em benefício do povo. Não vou te dar sossego mesmo! Se quiseres aprontar alguma sem-vergonhice, que seja em outra legislatura, sem me pedir voto e sem me envolver em

propaganda enganosa, porque nesta, Vereador  
Pastor Queixada, tu vais ter que jogar sério!

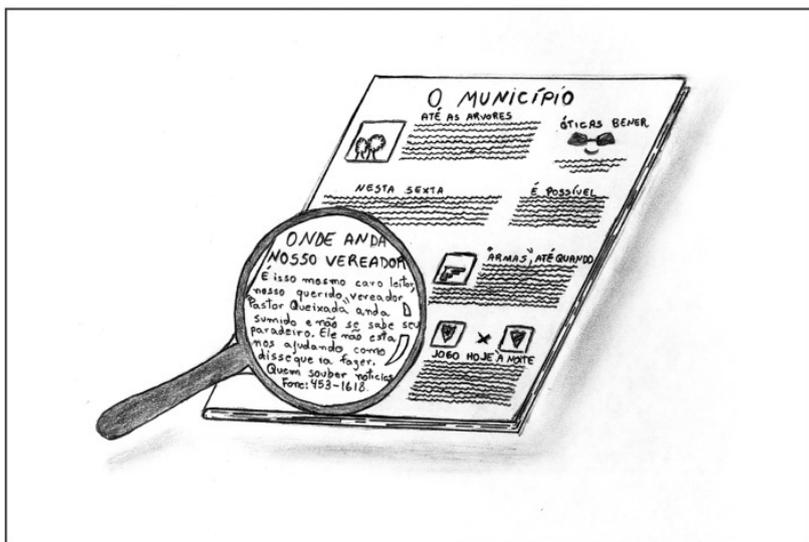
# Desculpas em público

● caro leitor sabe muito bem o quanto é difícil pedir desculpas. Claro que têm as exceções. Aquele que pede desculpas, mesmo quando não tem culpa de nada e até, ao contrário, devem desculpar-se com ele – desculpe-me amigo, mas você está pisando no meu pé - é difícil hoje em dia, mas ainda se ouve. Geralmente, mesmo quando consciente de que cometeu um erro ou injustiça, a gente se esquivava, deixa o tempo passar como se nada tivesse acontecido e não se encoraja a desculpar-se. Se pedir desculpas, acanhadamente, num momento em que a pessoa está sozinha, não é fácil, imagine vir a público. Mas, às vezes, a outra parte exige “Você errou, não é? Pois, agora, vai ter de se desculpar na frente de todo mundo” e você é obrigado. Ou você mesmo sente que é necessário reparar o mal. Por uma ou outra razão, venho desculpar-me, publicamente, e o amigo leitor há de me dar razão.

Dias atrás fiz uso da coluna para reclamar do sumiço do vereador Pastor Queixada. Dizia-me, indignado, por ter o pastor me pedido para ajudar em sua campanha e angariar alguns votos de amigos, me fazendo ficar comprometido e, logo no início do seu mandato, não era encontrado. Ligava, deixava recados e nada. Vim,

então, a público declarar sua irresponsabilidade e descumprimento ao anunciado em sua campanha e minha intenção de ficar na sua cola, fiscalizando seu trabalho na Câmara. Esta semana me ligou o pastor, dizendo que tomou conhecimento das minhas palavras e ficou entristecido. Principalmente por ter partido de mim, pessoa de sua alta estima. Que se ele fosse um outro político, poderia entrar até com ação contra mim, por difamação. Por sorte minha, ele entrega tudo a Deus e Ele é quem julgará. E que, em suas orações, pede a Deus que me perdoe pela ofensa, como ele, Queixada, já perdoou.

Explicou-me o pastor a razão de sua ausência: o desgaste da campanha, a correria, noites sem dormir em pregações e comícios,



Gilmar Tafarel Pontes

visitas a um, a outro, estava que não aguentava mais. Como assumir, sem condições físicas e psíquicas, desenvolver o seu trabalho do jeito que tem de ser? Haveria de se recuperar (e acho que tem razão) para poder cumprir o prometido ao seu eleitorado. E disse-me em bom tom “Sei a importância de cada voto. Não se rebaixe, meu amigo, porque os votos que você conseguiu para mim foram poucos. Poucos, mas muito importantes. E pode ter certeza de que todos eles fazem parte das minhas orações. Mesmo agora, em que atravessamos uma fase melindrosa e que dedico boa parte pedindo a Deus que ilumine a mente do Geraldo (o governador), para conduzir com serenidade o destino do nosso Estado. Meu filho, quando quiser, o meu gabinete, a minha casa e a nossa igreja estão de portas abertas e conto com você para darmos continuidade à nossa obra.”

Fiquei envergonhado e como não é possível apagar o que já foi escrito, venho a público (mesmo a contragosto do pastor) pedir desculpas pela injustiça cometida. De qualquer forma, para não me meter em outras enrascadas, juro que nunca mais vou pedir votos para quem quer que seja. Desculpe-me Pastor Queixada, mas até para o senhor.

Os amigos que deram o seu voto por meu pedido, fiquem tranquilos, que vou acompanhar o mandato do nosso vereador por estes quatro anos, que tomara Deus passem logo.

# O absurdo do crime do Rio

● amigo leitor já está acostumado e sabe que, de vez em quando, venho ocupar o meu espaço falando de coisa séria, fugindo ao meu estilo. Como agora.

Levantei-me, sequer fiz barba e, apesar do calor, vesti-me com um terno preto e me sentei em frente ao computador para escrever a crônica de hoje. Isto mesmo, em luto fechado para extrair da alma este texto.

Falar de um Brasil que se deseja e que está cada vez mais longe dos sonhos. De um crime que deixa estarrecido um país como se fosse o primeiro e fazem alarde como se realmente o fosse. Cenas mostradas ao vivo, que fazem se manifestar governador e até presidente, querendo punir como se fosse só ele o culpado, o que na intenção de salvar, levou a vítima à morte. Como se o culpado fosse só ele de ganhar míseros seiscentos reais por mês e devesse se preparar (talvez, por conta própria) para agir como polícia de primeiro mundo.

Quem seria o culpado? – Jornais e televisão, de mostrarem a dura e verdadeira situação que estamos vivendo, trazendo à tona verdades que devem estar escondidas? Geisas que abandonam seus lares e aventuram-se pelas ruas, hoje, perigosas de qualquer cidade? Sandros, que

desprovidos de qualquer esperança, sem guias e rumos, foram um dia crianças e inocentes como são todas elas, se embrenharam em desgraças, sofrendo e fazendo sofrer quem lhes cruza o caminho? Nós, ora público, ora atores de um filme que é real? Nós que choramos um sofrimento que é dos outros e nos sentimos desencorajados de sermos instrumentos de mudanças? Nós que assistimos de longe e queremos que outros partilhem conosco, quando somos os fatos e a história? Nós que somos condescendentes com quem tem arrebitado de forma mais rápida ainda com nossa pátria e tira o resto de vida de quem já quase não tem?

Se imagens como aquelas que vimos, que ocorrem todos os dias em cativeiros, casas, ruas, fossem mostradas e aguçassem a nossa sensibilidade de forma que, conscientes de nossa responsabilidade com tudo o que está ocorrendo, nos fizessem mudar, seria bom.

E se déssemos um pouco mais de nós e nos tornássemos agentes de mudanças, mesmo que, egoisticamente, em nosso próprio proveito? O engajamento em busca da justiça, seja por nobreza ou salvação da própria pele é a solução antes que seja o fim.

Isolados, enclausurados em casa, com medo de tudo e todos, nunca! O brasileiro, o filho da terra, aqueles que conhecemos, não são disso e nós sabemos muito bem. Mas, é preciso que a solidariedade exista sempre, e não só nos momentos de terror insuportável. É preciso que exijamos oportunidade de vida, não só para nós,

mas também para os que, desgraçadamente, nasceram desfavorecidos.

Quem não tiver tendência para pensar assim, por nobreza, que o faça pensando em proveito próprio.

Nota: O crime a que se refere o autor aconteceu, no Rio de Janeiro, em junho de 2000, numa ação em que um policial tentava salvar a professora Geisa de um sequestrador, que a fez vítima em um ônibus. As cenas foram mostradas pela televisão e a vítima foi morta a tiros, resultado de suposta precipitação do policial.

# Veia fugitiva

**D**e depois de um meticuloso exame, o médico deu o seu diagnóstico e falou da necessidade urgente de uma cirurgia simples. Não me convenceu o andar juntos de urgência e simplicidade, em todo caso...

Recebi visitas. De um amigo que se mostrou conhecedor profundo do assunto e me assegurava que aquilo eu iria tirar “de letra”, pois era realmente coisa de nada; uma colega de trabalho me achou abatido, muito pálido e disse que estava preocupada. Mas, o que me deixou cismado, mesmo, foi uma amiga da minha mulher. Acostumada a fazer ligações dos seus sonhos com a sua realidade e que, quase sempre davam certo, segundo ela, contara um sonho horrível da noite anterior, misturando velórios e missas, nem aí comigo, de olhos esbugalhados. Comecei a ver que a situação era séria mesmo e que deveria recordar-me dos pecados para pedir perdão antes do fim, quando ante um soluço da minha mulher, a sua amiga cochichou, mas não tão baixo a ponto de eu ouvir um “Seja forte, esteja preparada minha amiga e se apegue a Deus, pois a gente não muda o destino.”

Ainda bem que a minha sogra conhecia a tal “amiga” e me afirmou não ter visto nenhuma de suas previsões ocorrer. E ela (minha sogra),

que já havia passado por um sem-número de operações, falava com conhecimento próprio que aquilo era moleza, que seria resolvido em meia hora e o corte não teria mais do que quatro pontinhos.

Uma enfermeira chegou para colocar soro e conversava com familiaridade com a minha veia como se fossem conhecidas de anos:

– Tá querendo escapar, danada, mas eu te pego!

Na terceira tentativa e vendo-a dando uns tapinhas para a veia aparecer, reclamei:

– Devagar, dona, a senhora está me estourando todo!

– Fica quieto aí! Já não chega a veia, agora o senhor quer se meter no meu serviço?!

– “Pera” lá! Mas, o braço é meu e quem está sentindo dor sou eu.

– Por culpa da sua nervosidade que faz a veia sumir.

– Mas, eu estou nervoso por sua culpa. Até a senhora chegar eu estava tranquilo.

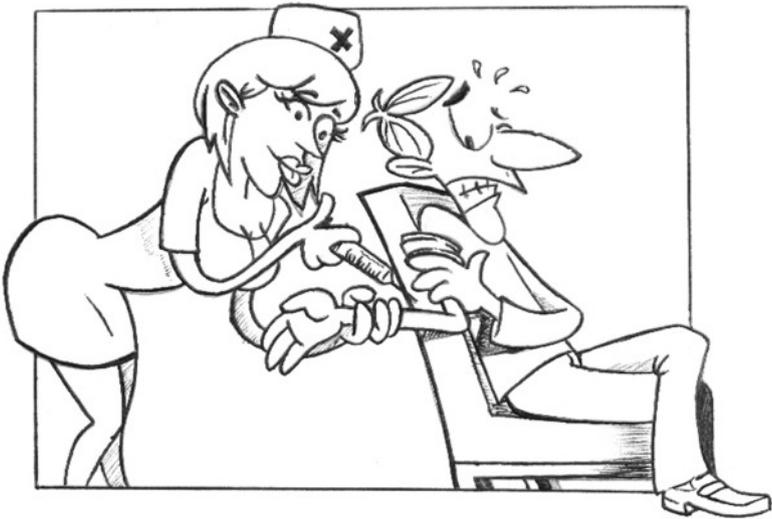
– Você já tá me deixando agitada. Vou tentar mais uma vez, se não der, vou chamar a Izildinha.

– Quem é a Izildinha? – quis saber, curioso.

– Izildinha é quem dá jeito nestas veias assim. Ela fuuura e não tira a agulha, enquanto não acha a fugitiva... Ela sim, é das boas. Chega! Vou chamar a Izildinha.

– Calma! A senhora está nervosa. Vamos tentar mais uma vez.

– Tu tá brincando comigo, é? Você quer



*Gilberto Alves de Souza*

que eu tente mais uma vez, não consiga e fique com trauma?

– Não! Eu juro que não. Estou mais do que ninguém torcendo para que a senhora acerte.

– Não adianta, esta veia é arredia, se esconde, o senhor está nervoso demais. É melhor vir a Izildinha.

– Calma, mais uma “vezinha” só. Eu vou tentar relaxar.. Estou vendo um céu azul, com pássaros voando, um rio de águas límpidas, com peixes nadando, uma cascata, uma brisa suave...

Abri os olhos e vi a enfermeira, de olhos fechados, viajando comigo. Estalei o dedo e falei pra ela que aproveitasse a veia alta. Ela assustada, enfiou a agulha com precisão e sorriu:

– Enganamos a fugitiva!

– Graças a Deus! – respondi aliviado.

# Paciente

**F**inalmente, depois de precisos sessenta e oito minutos de espera, sentei-me na frente do doutor Felisberto. E olhe que quando marquei a consulta, a secretária, muito eficiente (conserva-a doutor), me frisara que não chegasse atrasado.

Num dia que não tinha sido dos melhores, e o porquê não vem ao caso, quando me foi perguntado pelo doutor como estava, não dei a mínima. “Doutor, parece que desta vez tiram o presidente Collor do poder. É, parece que o Brasil vai entrar nos eixos. Só que me chateou muito este caso da Candelária. Morrer tanta criança. Será que encontram o corpo do Ulisses Guimarães? Mas, o que me deixou mais triste hoje, doutor, foi a morte do Ayrton Senna. O país vai chorar muito. E esse tal cacique que estuprou a moça? Estão ficando ousados os índios, hem! E aí, doutor, o senhor que é médico, acha que o doutor Tancredo Neves se recuperou? Deus ajude, não?!” Cochichei “Aqui, pra nós, o senhor acha que o Jânio ganha esta eleição para prefeito? E o PC Farias, será que vão conseguir encontrá-lo? Tem que prender esse homem, não acha?” Senti que pela mente do doutor Felisberto já passava a ideia de chamar o médico psiquiatra da sala ao lado, então, arrematei “Pois é, doutor, tomei conhecimento de tudo isso aí

na sua recepção, lendo as revistas *Veja*, *Visão*, *Nova* e *Manchete* que estavam na sua mesinha. Agora, estou informado de tudo. E tem outra, pode perguntar alguma coisa sobre reunião, congresso e pesquisas no campo da Medicina, que também li sobre o assunto. Agora, aquelas em inglês, sinto muito, mas no meu tempo de estudante não passei do verbo *to be*, portanto, fico devendo. Mas, também, tenho uma reclamação, viu, doutor? A gente é paciente, mas nem tanto. Aquela revista, *Coisas de Medicina*, a letra é muito miudinha, parece de bula, quase não dá para ler e, também, não se entende nada. Vou lá saber se tenho hipersensibilidade aos componentes da fórmula, muito menos o que é estafilococos penicilino-resistentes, bacilo pociânico, ricketsias. Se a intenção é de que o paciente se informe sobre novos medicamentos, comigo não funciona não. E ainda aquelas sem capas ficam enfeitando seu consultório que é um brinco.” Ele balançava a cabeça com espanto e concordância.

Passado aquele rompante, mediu minha pressão, fez o necessário e me receitou um *Gardenal*. Tem uma. Não sei se fizeram anotação na minha ficha, o certo é que toda vez que tenho consulta encontro revistas publicadas na semana e até os jornais do dia. A espera é mais tranquila e aí o nosso papo é outro, não é, doutor Felisberto?

# Férias da Edilene

Quando os pais estavam acertando a locação da casa na Praia Grande, o Zezinho se intrometeu, manifestando que era melhor ver o local e que queria ir junto. “Da última vez que vocês escolheram foi um horror! Longe da praia, do agito, de tudo.” Onofre respondeu-lhe, na medida exata, que a ida do garoto não era certa, dependendo das notas do bimestre. Se continuassem como vinham, ele ficaria com a avó. Edilene sentiu ironia na voz do marido e falou “Só se ele ficar com a tua mãe, Onofre, porque a minha vai com a gente.” Onofre resmungou baixinho um “Ai, ai, já sei como vão ser essas férias”, ao que Edilene questionou “O que é, o que é?”, encerrando-se a discussão com um “Não é nada”, do Onofre. O Zezinho ainda cochichou para a mãe “O pai tá cada dia mais veneno, né, mãe? Só pega pesado.”

Enfim, chegaram as férias. E como filho sempre convence com conversas de que vai melhorar e os pais sempre acreditam, foi o Zezinho, mesmo com as notas vermelhas, e ainda levou um amigo. Onofre ainda tentou impor o seu castigo, mas levou uma da Edilene. O filho não ia ficar, não. Tinha graça, ela como mãe, ia mesmo se divertir com o filho longe!

Ou ia todo mundo, ou não ia ninguém. Assim, foram todos, inclusive a mãe da Edilene e mais dois sobrinhos.

Que tempinho feio. Também, mês de julho não era para menos. Nada de pegar praia, tomar um solzinho.

Onofre, de manhã, saía para comprar uns peixes, trazia para a Edilene limpar e dizia qual era o seu desejo de comer, deixando a mulher a quebrar a cabeça na receita. Nunca vi gostar tanto de peixe! Depois, saía com os meninos para jogar bola na areia. Chegavam, tomavam um banho, deixavam a roupa suja no tanque, comiam e bebiam. Onofre, tudo beleza com o Zezinho, deixava o menino tomar cerveja, mas avisava que só porque era férias, mas que se controlasse. Zezinho olhava para o amigo e dava uma risadinha, que não se sabe o que queria dizer.

Onofre, já de pazes com a sogra, oferecia e a danada entrava na cerveja. Oferecia para a Edilene que recusava, contentando-se com seu refrigerante. Onofre, já alto, dizia “Se alegre mulher, que é férias.” Depois de comerem, cada um corria para tirar um cochilo e Edilene lavava louça pensando no tanque. A mãe era a única que se oferecia, mesmo com a fala enrolada “Quer uma ajudinha, fia?” Edilene respondia “Precisa não, mãe, vai descansar um pouquinho.” Já quase na porta, a mãe ainda falava “Vou tirar uma soneca, mas deixa a louça que eu enxugo.”

Quando a mãe levantava, a louça já estava guardada, a roupa no varal e Edilene já cuidando

da janta, o que lhe valia um elogio “Mulher trabalhadeira é essa, hein, Onofre?”

Jantavam, a mesma bebedeira, a mesma trabalhadeira. Edilene demorava para dormir por conta do barulho, do “agito” do lugar escolhido por Zezinho. Sons e buzinas das paqueras na orla. E, no outro dia, tudo igual.

Como o que é bom dura pouco, acabaram-se as férias! No caminho, rádio em alto volume, Onofre comentava “Essas férias, mesmo com frio e até chuva nos divertimos a valer, não foi Edilene?”

Edilene, ouvindo a música bem longe, balançava a cabeça e pensava nas próximas férias que sempre se falava que seriam diferentes.



*Khalil Hedjazi*

# Intuição

**P**assar debaixo de escada, cruzar com gato preto, todo mundo está cansado de saber que dá azar e se cuida. Agora, intuição nem todo mundo tem. E quantas oportunidades você pode ter deixado escapar justamente por não ter percebido um aviso? Quantos já acertaram num jogo do bicho ou até na loteria por conta da percepção de que aquela era a hora? Quantas vezes você não deve ter sonhado e não deu importância ou até não soube interpretar? Porque os avisos que nos são dados vêm de várias formas e é preciso que você consiga decifrar para não perder oportunidade.

Tem gente que não faz nada sem consultar o seu horóscopo. Mesmo quem diz que não acredita fica meio cismado depois que leu. Se bem que eu acho que o horóscopo é geral, para todo mundo que é daquele signo, portanto, sujeito a desvios, ao contrário de uma intuição que é individualizada, um comunicado direto só para você. Se você encontra um papel qualquer, na rua, com alguns números, não pode ser a sorte vindo ao seu encontro? Claro que é preciso observar para saber o que significa. Qual o jogo em que se deve arriscar, qual o dia? Pode surgir outro aviso para incluir ou até excluir um dos números. É, eles brincam com a gente, por isso,

nem sempre dá certo. E, às vezes, também se perde, para que se ganhe em outra oportunidade, ainda melhor. Tenho comigo que quando uma coisa dá errada é porque precisa retroceder para dar uma arrancada maior como numa corrida. Ganhar coisas pequenas pode ser desperdiçar sorte ou pode ser teste para ver se a gente está preparado para ganhar, sem atrapalhar muito a vida.

Conheço pessoas que fazem um jogo e ficam a vida toda jogando os mesmos números. Perdem tempo se os números não vieram por intuição. Quantas vezes já se deixou escapar um aviso? Por exemplo, você já não fez uma ligação telefônica e era engano? Por acaso, você não anotou o número errado e fez um jogo? Já fez uma soma errada e somou novamente com o mesmo erro e achou que era coincidência? Já recebeu um troco que em vez de vir uma nota de dez, vieram notas de um e você nem se ligou na numeração das cédulas? Você fez jogo de todas as placas de carros que lhe deram fechadas? Você já fez jogos com o número do chassi de todos os carros que você já teve? Com número de CPF, RG, PIS, data de nascimento? Pode ser que algum que você deixou escapar tenha sido justamente o que traria a sorte grande.

Quando a Mega-Sena acumula, eu penso “É agora! Deus não queria que eu ganhasse na semana passada para ganhar a acumulada. Vai ser dessa vez.” Se não ganhei, é porque não consegui captar a mensagem dos números certos a jogar, não apurei o sexto sentido. Quantas pessoas

já não estiveram prestes a perder o emprego e fizeram de tudo para ajeitar as coisas, pediram interferências de outras pessoas, se desculparam e continuaram no emprego, perdendo a chance de surgir em suas vidas coisa muito melhor? Estragaram a sorte, com certeza.

Quando estou numa situação ruim, rezo para que venha o melhor e deixo correr para não atrapalhar a sorte, porque o ruim, às vezes, é para que consiga vir coisa melhor na frente. Você pode ter dois empregos ao mesmo tempo? Então, é preciso perder um para que venha o que vai ser melhor, claro. Você pode ter dois maridos ao mesmo tempo? Então, é preciso que um se “mande” para que surja o que a fará feliz.

Tem gente que não acredita nessas coisas, azar deles. Eu levo a sério. Agora mesmo, ia sair de casa, mas não tinha uma camisa passada, não encontrei uma meia lavada e só achei um pé de sapato. É muita coincidência para não ser nada. Ao contrário de creditar isso ao desmazelo da minha mulher, cri ser um aviso para que me cuidasse. E, por medida de segurança, cancelei meus compromissos e não saio de casa hoje por nada deste mundo.

# Bye, bye, mamãe

**C**récio, antes mesmo do resultado do vestibular, queria que os pais já fossem vendo lugar para ele ficar. A mãe pedia calma, “Você nem sabe se vai passar”, dizia com o coração apertado de pensar no filho longe de casa. Ainda mais em São Paulo com tantas notícias de violência!

Enfim, passou. E todo arrogante, dizia “Não falei? Agora, vai ser uma correria pra alugar apartamento, ver móveis.” Seu Quincas interrompeu o menino. “Pera aí, Crécio. Que apartamento é esse? Já está quase acertado com a tua tia Marilda para dar um jeitinho de você ficar lá.” Crecinho era vivo. E tinha seus motivos de não querer morar com a tia. Primeiro, era longe da faculdade; segundo, aquele priminho não era moleza. Como ele ia conseguir estudar com um moleque perturbando? Depois, que não cobrassem resultado dele. Dona Gertrudes não só concordou com o filho, como acrescentou que o melhor era não ficar devendo favor para a irmã do Quincas, que ia falar o resto da vida, que se não fosse ela, o Crecinho não teria estudado. Seu Quincas, então, falou em procurarem uma república, ao que o Crécio interrogou espantado “República? Ô pai, tu achas que eu vou me misturar com qualquer

um? Já não chega ficar longe de vocês, o que vai ser uma morte, e ainda jogado num pulgueiro com gente que nem conheço e sabe-se lá de que espécie?” Dona Gertrudes abriu um berreiro e falou que nem que vendesse até suas roupas do corpo, seu filho não iria se rebaixar ao ponto de ficar em uma república, misturado com todo tipo de gente. Conversa vai, conversa vem, filho sempre convence, a mãe se dobra e o pai é obrigado a aceitar. Pois bem, foram à procura do tal apartamento.

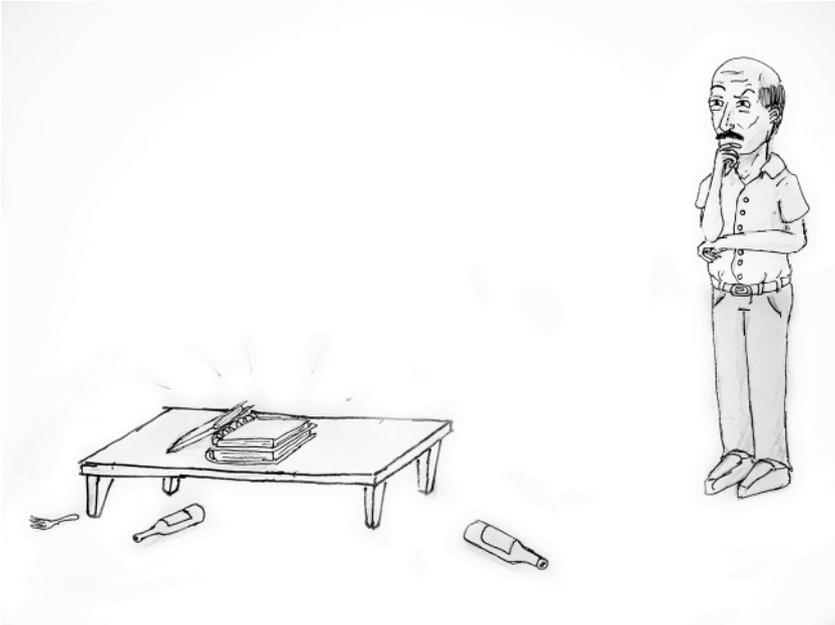
Enquanto não começavam as aulas, a coitada da dona Gertrudes ensinava o básico da cozinha para o filho. Copiou receitas de como cozinhar um arroz, temperar e fritar um bife, fritar batatas, fazer uma salada, ao que o Crecinho, despreocupado, dizia “Esquenta não mãe, já sei.” Dona Gertrudes queria que ele praticasse em casa, mas o Crécio pulava fora com um “Na hora, eu me viro.”

Bem, o menino assumiu o apartamento e sua liberdade, claro. Na primeira tentativa, empretejou a panela e desistiu de esfregar a fritura do ovo, culpando a marca do detergente. Na primeira festinha com os colegas, achou petulância do síndico ir reclamar do barulho do rock pauleira, dizer que o prédio era de gente direita e ameaçar chamar a polícia, se não parassem na hora. Foi com muito “Pelo amor de Deus e nunca mais” que convenceu o fulano a não ligar para o senhor Quincas.

A primeira visita dos pais seria surpresa, mas graças à dona Gertrudes (mãe é sempre

mãe), que ligou avisando ao Crecinho que iriam e que faria uma macarronada “daquelas” para ele, deu tempo de o garoto dar fim às cervejas, arrumar mais ou menos a bagunça e falar para os amigos que não aparecessem. Seu Quincas, que não é nenhum bobo, viu que os livros e cadernos estavam muito arrumados, chamou o Crécio no canto e exigiu que lhe mostrasse o boletim. Crecinho gaguejou “Tá na faculdade, vai sair ainda...” O pai ameaçou “Até aqui, morreu. Mas pra frente é vida nova. Se vier nota baixa, você volta correndo pra casa e vai pegar no cabo da enxada.”

Valeu. O Crecinho, lógico, continua de vez em quando na farra, mas “manera” e dá uma estudadinha para garantir sua liberdade.



*Khalil Hedjazi*

# No limite

● copo vazio na mesa depois do quarto chope. Acompanho todos os movimentos do garçom e ao que parece estou invisível. Ele passa por todos os lugares, olha para todos os cantos e nossos olhares não se cruzam nunca. Levanto a mão, mas qual nada.

Ontem, aqui quase sem ninguém, tomei além do normal por culpa dele que, nem bem terminava um, estava do meu lado perguntando se eu queria outro. Por educação e pela gentileza, eu aceitava. É o mesmo, tenho certeza que é (embora depois de uns goles todos os garçons pareçam iguais) e, hoje, nem aí, deve ter esquecido da caixinha de ontem.

Dei mais um tempinho e já estava para reclamar com o gerente, quando uma mulher da mesa ao lado falou “Estou no limite!” Pensei “Mais uma insatisfeita como eu” e me virei para concordar que o atendimento estava a desejar. Porém, a mesa estava servida com uma porção de fritas e os copos quase cheios e gelados. O acompanhante (ao que parece, era o marido) respondeu “E eu também cheguei no meu limite”, pelo que resolvi, disfarçadamente, olhando para o teto, como que longe, afinar o ouvido na conversa dos dois. O papo era aquela encrenca de sempre, lavagem de roupa suja de

fim de relacionamento. Um colocando a culpa no outro e, no alterar das vozes, eu já não precisava apurar tanto os ouvidos para saber do problema. E a mulher repetiu (não sei se por conta do programa global) “Estou no meu limite e pronto.” A partir daí, deixei o que seria motivo de uma crônica para refletir sobre o alcance máximo de um esforço ou o ponto máximo de cada um que não pode ser ultrapassado - o limite.

○ de um patrão que o *boy* deixou para entregar um documento, no dia seguinte, por “achar” que não era tão importante.

○ do funcionário com um patrão exigente demais, querendo tudo no tempo certo e qualidade Iso.

○ do aposentado e o tal mínimo.

○ desempregado e as intermináveis filas.

○ professor com seu salário, desafios dos alunos e ainda cobrado pelos pais.

A velhinha na fila para pagar uma continha de água.

○ da mãe querendo respeito da filha.

○ da filha achando que já é dona do nariz e a mãe querendo saber demais.

○ da mulher que reclama do tardar do marido e o marido que acha que a mulher quer dominar demais.

○ ter terminado um longo e desgastante trabalho no computador e perder o arquivo.

Um telefone que, ora toca ninguém atende, ora dá ocupado.

○ esperar e esperar num encontro.

○ não ter o que comer ou comer qualquer

coisa. E tudo isso sem poder sair do jogo, quando não se aguenta mais porque é o jogo da vida; e ainda sem esperança de ganhar um carro, uma grana ou mesmo posar para a Playboy.

Com o bar quase vazio, aí sim, ele, o tal garçom, tirou-me do devaneio, batendo no meu ombro a perguntar “Mais um aí, amigo?”

Olhei do lado, o casal já tinha ido, não sei se separado ou em paz. Enfezei a cara, fiz as contas, recebi as moedas do troco, meti no bolso (deixei-o esperando a caixinha) e com o dedo em riste avisei “Hoje, estou no limite” e saí pisando firme.

# Animais de estimação

Quando Cilinha insistiu para que fossem visitar a feira de animais, tenho certeza de que já planejava conseguir o seu animalzinho. Lendo uma história de uma menina com o seu cachorrinho, ela se entusiasmou e achou que também deveria ter o seu.

A gente sempre considera a inocência das crianças; mas, de vez em quando, elas fazem as suas tramas e arquitetam como chegar aos seus objetivos. E Cilinha era uma criança esperta.

Na feira, a família vê patos, coelhos, cabras, gatos e Cilinha se abre em sorrisos, quando chegam aos cães. Cada um mais lindo que o outro! A garotinha se engraçou com um filhote de *poodle* que era a coisa mais linda. O vendedor deixou que ela o pegasse. A menina acariciou o cãozinho, levou-o ao colo, conversava com ele, e parecia que ele a entendia. Corriam, ela alisava a sua barriga e ele ficava de pernas para cima, todo dengoso. Uma coisa linda! Dival, pai da Cilinha, bateu fotos dos dois em poses variadas.

Na hora de ir embora, Cilinha se agarrava ao Bob (já tinha colocado até nome no cão) e chorava. Queria o seu Bob de qualquer jeito. Dival tentou convencê-la a deixar para outro dia, mas Cilinha, viva como ela só, sabia que aquele outro dia significava nunca, e aquela era a oportunidade única

de ter o seu cãozinho. E abriu um berreiro. Por fim, Dival arriscou um “Quanto custa?” para o vendedor, o que fez Gerusa, sua mulher, reagir “O problema não é preço, Dival. Pode ser até de graça, que não vai levar! Quem vai cuidar dessa coisa? Você?” Cilinha aumentou o choro e dizia que o seu Bob não era “coisa” não. Era um cãozinho bonzinho. O coitado do Dival, entre a cruz e a espada, aproveitou-se da fala do vendedor, que dizia “Ele não cresce muito não, dona”, para tentar convencer que o trabalho seria mínimo e um bichinho de estimação seria muito bom para Cilinha.

Pra resumir: foram-se. E com eles, Bob. Gerusa emburrada no banco da frente, Dival contorcendo-se com a lambida do Bob no seu pescoço e Cilinha toda sorridente, segurando o cachorrinho atrás do banco do Dival, a falar “Ele gosta de você papai. Lambe o nosso paizinho, lambe, Bob.”

No começo, era festa. O Bob na sala, no quarto, na cama e pra todo lado no colo da Cilinha.

O cachorro foi crescendo e aprontando. Comia o tapete, sujava a casa, latia. Resolveram que era hora de colocar a casinha dele no quintal. Desde a primeira noite, Bob latia e os gatos passavam para infernizar. Quando não apareciam, Bob latia mesmo assim, parecendo que a chamá-los. Pensou-se que seria só até que ele se acostumassem, mas os dias passavam e o animal latia a noite toda. Cilinha, vez ou outra, brincava um pouco com ele no quintal. Mas, era só a menina entrar para que Bob recomeçasse os

latidos. A menina não podia ficar muito tempo, porque tinha de levantar cedo para ir à escola. Assim, ia dormir. E que sono pesado tinha a mocinha, que nem se ligava para o barulho. Na verdade, tanto Cilinha quanto Bob estavam grandes e não tinham mais tanto entrosamento para brincadeiras.

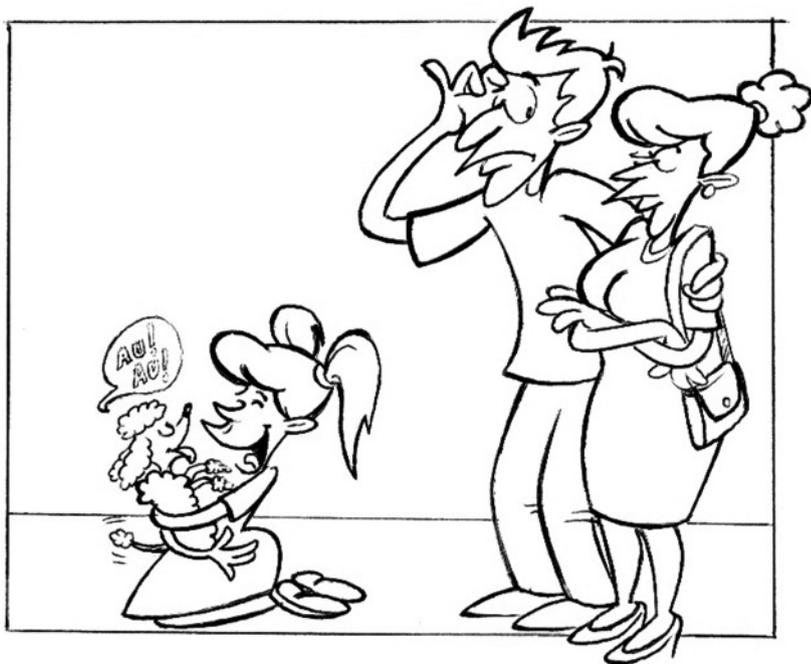
Num dia, em que por três noites seguidas Bob não o deixara dormir, Dival estourou “Ou eu, ou ele! Se não derem fim neste animal, eu vou embora de casa.” Gerusa deixou correr uma lágrima, pois já tinha criado amor ao Bob; Cilinha disse que não via motivo para tudo aquilo e que era exagero do pai, talvez irritado por problemas no trabalho descarregava no Bob. Mas, a decisão do Dival era definitiva.

Buscavam alternativa, quando Dival lembrou-se de uma amiga da mulher que tinha vindo, outro, dia em sua casa com a filha, que brincou o dia todo com Bob e chorou na hora de ir embora, querendo ficar mais tempo com o cão. Gerusa pensou em ligar para a amiga, mas Dival achou que era melhor ir pessoalmente e oferecer o cachorro na frente da menina.

A amiga recusou; a menina chorou muito e o pai convenceu a mulher a aceitar o Bob, com o argumento de que seria muito bom para a filha Analice, porque precisava de companhia. Assim, foi-se o Bob e junto a casinha e demais pertences, deixando um vazio.

No primeiro dia, enquanto o pai da Analice saía com o carro da garagem, Bob escapou. O homem sem saber ainda o nome do cão, chamava

“Vem cachorro! Cãozinho, venha cá! Vem aqui com o papai, vem!”, e Bob nem aí. Tentou segurá-lo pela coleira e levou uma mordida. Apanhou uma vassoura e saiu correndo atrás do Bob, que voltava para a casinha, enquanto Analice aparecia de pijamas chorando e pedindo “Não bate no Bob, não, papai!” O pai olhando a mão mordida, respondeu “Destá vez passa, mas este bicho vai ter de aprender a me obedecer.” Bob lambia Analice e olhava para o pai da menina, creio que pensando que a sua história dali em diante seria diferente. Bem, vamos ver à noite...



*Gilberto Alves de Souza*

# Artista também come

**P**or mais que os caros leitores estranhem, é verdade! A impressão que nos dá é de que aquele que tem a alma voltada para a arte vive afastado do mundo e que tanto faz viver em fartura ou na pobreza. Alguns até acham que o sofrimento e a penúria trazem inspiração. Mas, os tempos são outros e até o artista precisa de uns trocos para sobreviver. Mesmo porque, foi-se o tempo em que mecenas sustentavam artistas apenas para lhes admirar a obra. E é natural se pensar que aquele com tendência para a arte, dificilmente se dará bem noutra coisa e associar-se a uma impressão de relaxo e irresponsabilidade.

Na advocacia, nunca me apresentei a um cliente como poeta. E nos poucos que, numa escapada, deixei que descobrissem, senti preocupação. Pode passar pela cabeça, desde “Será que o raciocínio é lógico ou poético”, até “E se no dia da audiência surgir no céu um arco-íris que lhe faça vir uma inspiração repentina” ou “Se à noite lhe aparecer uma musa e ele não se afastar por nada do mundo da criação de um poema?” e, “Se passar a noite em claro buscando a perfeição da obra e chegar ao fórum com barba por fazer e sonolento ou com a cabeça nas nuvens, não falando coisa com coisa?”

Nunca fiz uma petição em versos. Confesso

que por ser o medo maior do que a vontade. E se por azar o juiz fosse um crítico literário e, mais do que o mérito, julgasse a obra? O que falar para o cliente, depois de uma sentença de inépcia da inicial por peticionar em rima pobre?

Há, também, que se considerar que apresentando-se como poeta, vem-nos à mente que o fulano não está nem aí com grana e o preço do serviço vai lá em baixo. O bom artista precisa ter alguém negociando por ele, porque a gente bem sabe que ele não serve para essas coisas. Claro que os artistas querem medalhas, mas uns cobres não fazem mal a ninguém.

Assim, ao contratar os seus serviços, junto com os elogios, deem-lhes uns trocados, pelo menos para ajudar na corda do violão, no pincel ou no cartucho da impressora!

# Economia de guerra

**M**atilde assistia, pela televisão, pessoas opinando sobre a redução do consumo de energia e se espantou, quando reconheceu o marido sendo entrevistado pelo repórter. Contrário a todos que diziam da dificuldade em diminuir o consumo, Aristides achava possível e até disse que se todos colaborassem e tivessem espírito cívico conseguiriam ultrapassar os 20%. O repórter instigou e Aristides, inflamado, disse que, com certeza, sua família chegaria aos 50%. Matilde balançou a cabeça e comentou com os filhos que se preparassem porque o aperto seria grande. Relembrou que o marido fora um dos fiscais do Sarney, na época do tabelamento de preços, anotando preço por preço dos produtos; querendo ajudar a buscar os bois no pasto; denunciando e criando inimizades com os comerciantes da vizinhança.

Aristides chegou em casa e todos fizeram de conta que não tinham visto nada para ver se a coisa se esfriava, mas qual nada. Chamou mulher e filhos para a mesa, não sem antes apagar todas as luzes, deixando apenas a da sala. E começou a desfiar o rosário. “Antes que a coisa fique mais grave, vamos nos precaver” e começou a ditar as novas regras: “Banho com o chuveiro no frio.” Zequinha questionou que a

informação que se tinha era de que o chuveiro deveria estar no verão, ao que Aristides, com o olhar severo, respondeu que na sua casa seria no frio. “Passar roupas, Matilde, você pode quando quiser, desde que seja durante o dia. Aqui, está o ferro, o saco de carvão e já encomendei um fole ao marceneiro. Pode encaixotar o micro-ondas, a cafeteira e o ventilador, pois só voltaremos a usá-los depois de dois mil e doze. Televisão, só na hora do jornal.” Matilde pensou em pedir para que se esticasse até o final da novela, mas desistiu, por pensar que seria um crime contra a pátria. Aristides, depois de enfiar pregos nas paredes, abriu uma caixa, retirou candeeiros e espalhou pelos cômodos. Depois, com paciência, ensinou aos filhos o manuseio. “Nós estamos mal-acostumados. Se não fosse esse modernismo todo, não teria chegado na situação em que estamos. Máquina de lavar, secador, computador e outras coisas mais, levando ao exagero do consumo de energia. Nós vamos dar o exemplo. E, a partir de agora, começa a vigorar aqui a lei seca. Economia de guerra!”

Soninha tentou avisar que o racionamento era, a partir de junho, enervando Aristides, que achava falta de bom-senso a observação da filha, esbravejou um “Aqui, quem manda sou eu e a coisa começa já. E aquele teu namorado folgado que costuma ficar duas horas no banho, pode avisar que mesmo sendo frio vou controlar o tempo.” Sandrinha resmungou que o pai cismava com o coitado do Kiko e fez uma cara de choro.

Matilde e os filhos já sabiam que iriam

sofrer o diabo nos próximos dias e seriam vigiados. Aliás, não só eles, mas também os vizinhos. Seriam brigas e mais brigas, Aristides reclamando e exigindo colaboração de todos no racionamento. Certamente, como da outra vez, faria visitas aos moradores do bairro, num trabalho de conscientização e, depois, de fiscalização.

Matilde suplicou aos filhos que, junto com ela, rezassem para que o presidente da República estivesse virando profeta e a chuva viesse mesmo em setembro.

# Esmeraldo, o garçom

**E**smeraldo servia um bife acebolado, enquanto outro cliente fazia insistentes sinais chamando-o. Ele, fingindo não perceber para não interferir no seu trabalho, atendeu com presteza e, só então, deslocou a sua visão a outra mesa (aí que descobri que, quando chamamos um garçom e parece que ele não vê, às vezes, está vendo e finge que não vê). Acostumado com os tipos e pela cara, sentiu que era reclamação, e era mesmo. O sujeito, irritado, sentia-se indignado com a refeição. O macarrão estava grudado e o molho salgado.

Esmeraldo, educadamente, perguntou:

– Como é o seu nome, senhor?

O cliente, mais irritado ainda, respondeu:

– Jonas.

– Pois é, senhor Jonas, vou lhe explicar como funcionam as coisas – disse-lhe Esmeraldo.

– A minha função aqui é a logística. Ou seja, colete os pedidos do cliente, passo para a copa, que manda para a cozinha. Daí para a frente, não interfiro em nada, até que eu ouça dois toques da sineta, o sinal de que o meu pedido está à disposição. Então, apanho a mercadoria, vejo se está bem separada, cada qual em sua bandeja, e faço a distribuição para os clientes. Quanto a verificar se os produtos estão perfeitos, se

a qualidade é boa, foge ao meu alcance e se o fizesse, estaria me intrometendo no trabalho de outro setor, o de produção, com o que o senhor há de concordar, seria antiético. Agora, é responsabilidade minha e o senhor pode me chamar a atenção que eu vou abaixar a cabeça se ocorreu alguma coisa que me diz respeito como: Seu pedido veio trocado? Sua cerveja chegou quente? O refrigerante *diet* da sua esposa e as cocas normais dos seus filhos não vieram certinhos, como pedidos? Sua comida veio misturada, decorrente do transporte da copa até a sua mesa? Deixei cair um copo ou derramei molho na mesa ou em algum dos senhores? O senhor pode não ter percebido, senhor Jonas, mas a sineta tocou e eu já corri para trazer sua refeição. Se houve demora, foi lá para dentro, mas não no serviço de distribuição. Agora, se o senhor quer fazer reclamação do serviço da produção, posso chamar o cozinheiro ou, então, o senhor Manoel, que é o dono, portanto, é quem tem de ouvir essas reclamações, não eu. Aliás, aqui pra nós, acho que o senhor tem de reclamar com ele sim, porque esse cozinheiro é muito folgado e anda fazendo as coisas de qualquer jeito. É a segunda reclamação injusta que recebo hoje. Que culpa tenho eu, senhor Jonas, que estou aqui, do lado de fora, nem sabendo o que está acontecendo lá por dentro e alguns clientes sem atentar para isso, me chacoalham? O senhor, sinceramente, não acha que é injusto, seu Jonas? Vou chamar o seu Manoel, o senhor reclama do macarrão, do molho e não diga que



*Kallil Augusto Silveira Singulani*

falei nada, mas pode reclamar que a carne está dura, porque sei que está, pois alguns clientes já reclamaram. Lá está o seu Manoel. “Seu Manoel! Seu Manoel, faz o favor!”

Enquanto o senhor Manoel se aproximava, Esmeraldo cochichou para o cliente:

– O senhor pode reclamar do que quiser, seu Jonas, mas não da comida fria, porque se esfriou foi por culpa sua que iniciou a conversa, deixando-a esfriar.

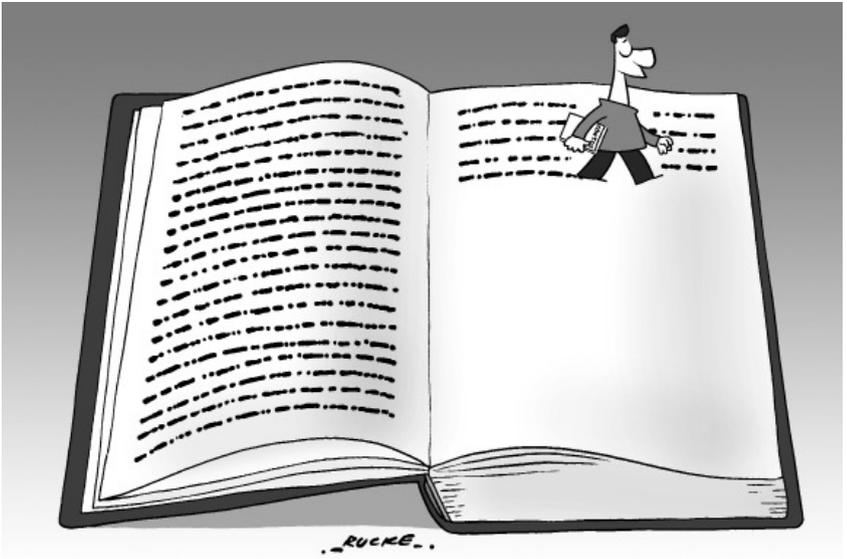
Jonas, mulher e filhos, boquiabertos, olhavam para o Esmeraldo e para o senhor Manoel que, todo solícito, dizia um “Pois não”, bem macio.

# Sou escritor

**E**scrivia poesias, crônicas e mostrava aos amigos. Discutia, explicava-as. Mas, meu pai, ficava de cara feia, quando me via falar que seria escritor e dizia que era coisa de preguiçoso. “Imagina, ficar sentado o dia todo inventando histórias, divagando. E lá tu tens jeito pra escritor”, dizia. Sonhava-me bancário. Minha mãe completava: - Se possível do Banco do Brasil, como teu primo. Se não der, que seja do Bradesco, como teu tio que fez carreira. - Meu destino estava traçado. Seria bancário.

Eu já me achava pronto para publicar meus textos. Meu pai, amigo do dono do jornal, poderia até facilitar, mas, certamente, não intermediaria tal coisa. E eu ficava a me imaginar falando com o seu Jovino. “Sou Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado, e tenho umas boas crônicas para publicar. **Nós** agradeceríamos a publicação”. Levaria várias, ou somente uma? Cheguei a passar várias vezes em frente ao jornal e, um dia, cheguei até a porta, porém, não tive coragem de entrar para falar com o seu Jovino.

Resolvi que o melhor seria enviar pelo correio. Depois de muitas dúvidas, escolhi uma das crônicas, “Minha doce vida – Autor: Luiz Antonio **Machado**”, datilografei o texto, várias vezes, até que ficou bem diagramado e sem rebatidas. Por



fim, coloquei em um envelope e mandei junto um pequeno bilhete: “Dr. Jovino, gostaria de publicar esta minha crônica no seu jornal. Sou o Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado.” – Estava lançada a sorte.

Passados alguns dias, recebi um telegrama:  
Ilmo Sr. José Luiz Machado

Tenha gentileza comparecer à redação jornal Cidade. Falar Doutor Jovino.

Recebi o tal telegrama por volta das 16h. Pensei em ir, no mesmo dia; no entanto, daria a impressão de desespero, o que talvez não fosse bom. Iria, no dia seguinte, pela manhã, e cedo, claro.

Passei a noite pensando. Como fora bom não pedir a interferência do meu pai. Seria o cronista do jornal por méritos próprios. Mostrei

o telegrama aos amigos. Fora convidado para cronista do jornal A Cidade. Enfim, o merecido reconhecimento. Relembrava o telegrama: Tenha a **gentileza** – estava sendo tratado com respeito e consideração que se deve ter com um escritor. Não via à hora de chegar pela manhã.

Vesti minha melhor muda de roupas e lá fui. No caminho, ia pensando em como seria o tal contrato. Quanto seria o valor por crônica. Se ele quisesse mais, bateria o pé para ser apenas uma por semana para não ficar muito batido. Nada de exclusividade... Ao chegar, apresentei-me à secretária:

- Escritor Luiz Antonio.

- Luiz, de quê? – perguntou ela.

- Escritor Luiz Antonio – enfatizei o Escritor e pensei: será que era tão burra a fulana ou o doutor Jovino não havia falado que teriam um novo cronista no jornal?

Ela olhou de soslaio e foi até a sala do doutor Jovino.

Entrei, sentei-me e esperei que ele pedisse à moça que trouxesse um cafezinho, mas qual nada. Foi direto ao assunto. Que era muito amigo do meu pai, e que estava conversando comigo, justamente por isso. Que leu o meu texto e achou coisa de maluco, sem pé nem cabeça e que aconselhava que eu procurasse ajuda de um psiquiatra. Sem sentido e perigoso. Daí pra frente, não ouvi mais nada e só balançava a cabeça consentindo. Meus pensamentos estavam na moça, lá da recepção, que deveria estar caçoando de mim, e em uma desculpa para dar aos amigos. Procurei e não vi outra porta, teria que passar pela tal moça. Dito e feito. Ao sair, ela me

cumprimentou: - Bom dia, escritor Luiz Antonio.  
– Dei-lhe um xingo, bati a porta e fui pelas ruas,  
chutando as pedras que estavam pelo caminho.

# Glossário

**Acareação** - Pôr cara a cara, ou frente a frente; afrontar, en-frentar, acarar.

**Alcunha** - Apelido, geralmente, depreciativo que se põe a alguém.

**Anuência** - Ato ou efeito de anuir; consentimento, acordo, aprovação.

**Auréola** - Círculo dourado e brilhante que, nas imagens sacras, envolve a cabeça de Cristo e dos santos; glória, prestígio, honra.

**Batente** - Trabalho efetivo, com o qual se ganha a vida.

**Bichinha** - Mulher nova, mocinha.

**Condescendente** - Pessoa tolerante.

**Conluio** - Combinação entre duas ou mais pessoas para lesar outrem; conspiração.

**Desmazelo** - Desleixo, descuido, negligência.

**Devaneio** - Capricho da imaginação, fantasia, sonho, quimera.

**Empertigado** - Orgulhoso, vaidoso, altivo.

**Empreiteiro** - Aquele que ajusta obra de empreitada; obra por conta de outrem, mediante retribuição previamente ajustada.

**Enclausurado** - Afastado do convívio social.

**Esubalhados** - Diz-se dos olhos muito salientes ou arregalados.

**Esquivar** - Escapar, evitar, livrar-se, safar-se.

**Fole** - Utensílio destinado a produzir vento para ativar uma combustão ou limpar cavidades.

**Galhofa** - Gracejo, risada.

**Idílio** - Amor poético e suave, entretenimento amoroso, galanteio, fantasia, devaneio.

**Inépcia** - Falta absoluta de aptidão; grande falta de inteligência, idiotismo.

**Mecenas** - Patrocinador generoso, protetor das letras, ciências e artes, ou dos artistas e sábios.

**Meticuloso** - Que se preocupa com pormenores; minucioso, cuidadoso, cauteloso.

**Oitiva** - Ouvido, audição.

**Penúria** - Pobreza extrema; indignância, miséria.

**Percepção** - Ato, efeito ou faculdade de perceber; abranger com a inteligência; entender.

**Peticionar** - Requerer.

**Pigarro** - Ruído característico produzido por embaraço na garganta.

**Pilastra** - Coluna que fica adaptada à fachada de um prédio ou embutida numa parede.

**Relíquia** - Coisa preciosa por ter valor material ou por ser objeto de estima e apreço.

**Ressabiado** – Assustado, ressentido, desconfiado, melindrado, ofendido, magoado.

**Retroceder** - Voltar para trás; recuar, desistir, ceder.

**Revelia** - Sem conhecimento do réu; despercebidamente, ignoradamente.

**Rompante** - Reação impetuosa e/ou violenta motivada por sentimento de raiva.

**Santinho** - Pequeno retângulo de papel, de propaganda eleitoral, que traz a foto e o número do candidato.

**Sarcástico** - Que zomba, ri de tudo.

**Seboso** - Indivíduo sujo, porcalhão, sebento.

**Sorrateiro** - Que faz as coisas manhosamente, pela calada; manhoso, astuto, matreiro.

**Soslaio** - Olhar de lado, obliquamente.

**Tabular** - Marcar em (máquina de escrever) o(s) ponto(s) em que deve parar o carro, quando comprimido o tabulador.

**Tino** - Intuição, queda, faro, conhecimento, ideia.

**Violado** - Que sofreu violação; ofensa ao direito alheio.



Chegamos ao vigésimo ano do Grupo Projetos de Leitura que iniciou as suas atividades de incentivo à leitura em 1998, com o projeto Encontro com o Escritor. A partir daí vários projetos foram criados e desenvolvidas diversas atividades de incentivo à leitura com a proposta de desmistificar o slogan “brasileiro não gosta de ler” e contribuir para a formação de um Brasil Leitor. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar, entre outros, os projetos de leitura **Ler é Bom, Experimente!, Lendo na Escola, Leitura no Parque, Viajando na Leitura e Dose de Leitura.**

No projeto **Ler é Bom, Experimente!** são doados lotes de 38 a 114 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos e no final é publicado uma coletânea com os melhores textos produzidos pelos estudantes. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos e é realizado em terminais rodoviários de ônibus, aeroportos e estações do metrô, com a proposta que após a leitura o livro seja “esquecido” em outro local público.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes. São doados aos hospitais um carrinho expositor das obras e um lote de livros.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e ao público em geral, nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor e em parceria com as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo dos municípios.

# OBRAS DO AUTOR



- Quinho
- Radar, o cãozinho
- Bia e a sua gatinha Pammy
- Quem sou eu
- Minha história
- Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial
- Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos
- Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda
- Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro
- Nick e o passarinho falante
- Sofia - Ser solidário é dez
- Nick e Bia na Floresta Encantada
- Acontece... (impressão regular e em braile)
- Nos Bastidores do Cotidiano (impressão regular e em braile)
- Espionando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile)
- Acredite se quiser! (impressão regular e em braile)
- Coisas de Homem & Coisas de Mulher

## Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

### Website:

[www.projetosdeleitura.com.br](http://www.projetosdeleitura.com.br)

### E-mail:

[laedesouza@projetosdeleitura.com.br](mailto:laedesouza@projetosdeleitura.com.br)



(11) 2743-8400 - 2743-9491

E-mail: [contato@projetosdeleitura.com.br](mailto:contato@projetosdeleitura.com.br)

(11) 2743-9491 – 2743-8400

WhatsApp: (11) 95272-9775

Facebook: [facebook.com/projetosdeleitura](https://facebook.com/projetosdeleitura)

## Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

**Peças teatrais:** Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

**Obras publicadas:** Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

**Projetos culturais:** Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

**Outras ações:** Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.